

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

YASSER YOUSSEF KHOURY

**MEMORIAL SONORO DO
HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA**

Ouro Preto
Março - 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

**MEMORIAL SONORO DO
HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA**

YASSER YOUSSEF KHOURY

Artigo submetido como Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Música (DEMUS) da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Música.

Orientadora: Prof.^a Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque.

Ouro Preto
Março - 2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

K45m Khoury, Yasser Youssif.
Memorial sonoro do Hospital Colônia de Barbacena. [manuscrito] /
Yasser Youssif Khoury. - 2023.
44 f.: il.: color., tab.. + Site do TCC:
<http://memorialbarbacena.42web.io/>.

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque Buarque.

Produção Científica (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Graduação em Música .

1. Memorial. 2. Hospital Colônia de Barbacena. 3. Sonoridades. I. Buarque, Virgínia Albuquerque de Castro Buarque. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 78

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana De Oliveira - SIAPE: 1.937.800



FOLHA DE APROVAÇÃO

Yasser Youssif Khoury

Memorial Sonoro do Hospital Colônia de Barbacena

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música

Aprovada em 15 de março de 2023.

Membros da banca

Profa. Dra. Virgínia A. Castro Buarque - Orientadora (UFOP)
Prof. Dr. Leonardo Civale (UFV)
Prof. Dr. Cesar Maia Buscacio (UFOP)

Profa. Dra. Virgínia Buarque, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/03/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Virginia Albuquerque de Castro Buarque, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/03/2023, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0493096** e o código CRC **CA21830F**.

MEMORIAL SONORO DO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA

Resumo:

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em uma dupla produção: um Memorial Sonoro e um artigo acadêmico sobre o Hospital Colônia de Barbacena. O Hospital foi fundado em 1903, sendo transformado em uma instituição psiquiátrica na década de 1930. Desde os anos 1960, ficou conhecido pelas práticas desumanas que conferia aos internos, relegados ao abandono (sem provimento de condições materiais mínimas de existência), à exploração de mão de obra, a intervenções como eletrochoques e lobotomia, a diversos tipos de violência física, num contexto que não raro culminava em morte. Em 2013, a jornalista Daniela Arbex lançou o livro *Holocausto brasileiro*, seguido, em 2016, por um documentário sob sua direção e mesmo título do livro. Esses dois trabalhos de Daniela Arbex serviram de fonte prioritária para a formulação do “Memorial Sonoro do Hospital Colônia de Barbacena”, disponibilizado na plataforma <http://memorialbarbacena.42web.io/?i=1> e interpretado criticamente neste artigo. O objetivo dessas duas produções foi abordar as situações-limites do Hospital Colônia, bem como as pequenas práticas de resistência mantidas pelos pacientes em relação a elas, através das sonoridades. Assim, considera-se que as sonoridades – entendidas como sentidos histórico-culturais atribuídos aos sons – possam expressar as experiências vividas mediante significados e sensibilidades nem sempre passíveis de serem traduzidos em formatos conceituais ou explicações de cunho estritamente racional.

Palavras-chave: Memorial. Hospital Colônia de Barbacena. Sonoridades.

Abstract:

This Course Completion Work consists of a double production: a Sound Memorial and an academic article about the Hospital Colônia de Barbacena. The Hospital was founded in 1903, being transformed into a psychiatric institution in the 1930s. Since the 1960s, it became known for the inhumane practices that it conferred on inmates, relegated to abandonment (without providing the minimum material conditions for existence), to the exploitation of labor, interventions such as electroshock and lobotomy, various types of physical violence, in a context that not infrequently culminated in death. In 2013, journalist Daniela Arbex released the book *Brazilian Holocaust*, followed, in 2016, by a documentary under her direction and with the same title as the book. These two works by Daniela Arbex served as a priority source for the formulation of the “Memorial Sonoro do Hospital Colônia de Barbacena”, available on the platform <http://memorialbarbacena.42web.io/?i=1> and critically interpreted in this article. The objective of these two productions was to approach the extreme situations of the Hospital Colônia, as well as the small practices of resistance maintained by the patients in relation to them, through the sounds. Thus, it is considered that sonorities – understood as historical-cultural meanings attributed to sounds – can express lived experiences through meanings and sensibilities that are not always capable of being translated into conceptual formats or explanations of a strictly rational nature.

Key words: Memorial. Barbacena Colony Hospital. Sonorities.

Sumário

Introdução	6
1. Balizas teóricas e metodológicas da pesquisa.....	9
2. Sons do abandono e da exploração	13
3. Sons do limiar da morte	16
4. Sons das resistências dos internos	20
5. Sons das denúncias midiáticas.....	24
Considerações finais	28
Referências bibliográficas:.....	30
Filmografia:.....	31
ANEXO.....	32

Introdução

Este artigo visa interpretar as sonoridades (entendidas como enunciados e discursos, mas também palavras desconexas, gritos, sussurros..., e até mesmo os sons ambientes), bem como os silenciamentos que foram promovidos por internos e diferentes funcionários e agentes vinculados ao Hospital Colônia de Barbacena através da produção de um memorial digital interativo.

O Hospital Colônia foi uma instituição fundada no município mineiro de Barbacena em 12 de outubro de 1903, na sequência da criação da Assistência aos Alienados no mesmo Estado em 1900.¹ O Hospital integrava um grupo de sete instituições psiquiátricas edificadas na cidade que, segundo alguns, recebeu o epíteto de “Cidade dos Loucos” por esse motivo.² Posteriormente, foi designado como Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (ARBEX, 2013; GODOY, 2014).

O Hospital Colônia de Barbacena tornou-se publicamente conhecido sobretudo a partir da década de 1980, em função de suas práticas desumanas de tratamento. Os pacientes eram para ali transportados em vagões de carga, conhecidos como “trem de doido”. Com capacidade de 200 leitos na época de sua fundação, já contava com cerca de 5.000 internos em 1961. Para o Colônia, eram enviadas *personas non gratas*, como opositores políticos, aquelas ligadas à prática de prostituição e da homossexualidade, moradores em situação de rua, entre outros grupos marginalizados na sociedade. Estimase que cerca de 70% dos pacientes não tinham diagnóstico de qualquer tipo de doença mental.

Entre as décadas de 1960 e 1970 houve uma culminância de falecimentos no Hospital Colônia, o que o associou à trágica representação de “Holocausto Brasileiro”.³ Projeta-se que pelo menos 60 mil pessoas tenham ali morrido até o início da década de 1980 (ARBEX, 2013).

¹ Pouco antes, fora inaugurado o Hospital Psiquiátrico do Juqueri, em 1895, no estado de São Paulo, num indicativo da legitimação científica da psiquiatria no campo da medicina.

² Atualmente, desses sete hospitais, só três estão em funcionamento. A edificação de vários hospitais nessa região deveu-se, ao menos parcialmente, à ocorrência no local de clima de montanha, o que, na época, era considerado ideal para a cura da tuberculose e, segundo alguns médicos, também para o tratamento de doenças psiquiátricas (ARBEX, 2013). Observe-se que juntamente com Barbacena, os municípios de Juiz de Fora e Belo Horizonte constituíam o trágico “Corredor da Loucura”: 19 dos 25 hospitais psiquiátricos que existiram em Minas Gerais até a década de 1980 estavam localizados nestas três cidades (NASCIMENTO, 2022, p. 9).

³ Em 1979, “[...] o psiquiatra italiano Franco Basaglia, pioneiro da luta pelo fim dos manicômios, esteve no Brasil e conheceu o Colônia. Em seguida, chamou uma coletiva de imprensa, na qual afirmou: ‘Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo, presenciei uma tragédia como esta.’” (ARBEX, 2013, p. 15).

Entre estes mortos, 1.853 tiveram seus corpos vendidos para faculdades de medicina. Atualmente, 190 pacientes em situação de baixa sobrevida são tratados no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena. Após o fechamento [do Hospital Colônia], seus pouquíssimos sobreviventes foram transferidos para abrigos de melhores condições e, por direito, passaram a receber indenização do Estado. (PEREIRA, s./d.)

O Hospital Colônia de Barbacena foi finalmente desativado ao final da década de 1980,⁴ culminância de um processo em que a atuação da mídia impressa, iniciada, ainda que de forma incipiente, na década de 1960, se mostrou decisiva. Assim, em 1961, foi registrada uma primeira manifestação contra as práticas promovidas pelo Hospital: “[...] ao voltar para a redação de *O Cruzeiro* depois de conhecer a Colônia, o fotógrafo Luiz Alfredo desabafou com o chefe: ‘Aquilo não é um acidente, mas um assassinato em massa’. Apesar da denúncia estampada na revista de maior sucesso da época, a realidade só começaria a mudar – lentamente – duas décadas mais tarde (ARBEX, 2013, p. 16). Dessa maneira, foi em 1979 que “[...] o psiquiatra italiano Franco Basaglia, pioneiro da luta pelo fim dos manicômios, esteve no Brasil e conheceu o Colônia. Em seguida, chamou uma coletiva de imprensa, na qual afirmou: ‘Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo, presenciei uma tragédia como esta’.” (ARBEX, 2013, p. 15).⁵ Foi também em 1979 que o jornal *O Estado de Minas* publicou uma série de reportagens, intitulada “Nos Porões da Loucura”, assinadas por Hiram Firmino (ISRAEL; MARINS; VALLE, 2015, p. 2). Tal crítica ancorava-se “no incipiente momento de abertura política [no contexto de Ditadura Militar no Brasil], num lento processo de reconquista da democracia e dos direitos civis. A loucura tornou-se mais um fantasma a ser expurgado, e isso se deu por meio de uma ampla divulgação através da imprensa” (BORGES, 2017, p. 107). E em 2013, foi lançado o livro de Daniela Arbex, *Holocausto brasileiro*, rapidamente alçado à narrativa emblemática dos horrores daquela instituição.

Não obstante, essas reportagens sobre o Hospital Colônia não abordavam as sofridas experiências ali vivenciadas sob o viés das sonoridades e dos silenciamentos,

⁴ “Pressionada, a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), que passou a gerir a totalidade dos hospitais públicos do Estado, em 1977, período em que as antigas fundações de assistência de saúde do Estado se fundiram, aprovou, em 1980, o Projeto de Reestruturação da Assistência Psiquiátrica, que acolhia as teses do III Congresso Mineiro de Psiquiatria. As mudanças foram sentidas no Instituto Raul Soares e posteriormente se estenderam ao Hospital Galba Veloso, Centro Psicopedagógico (ex-Hospital de Neuropsiquiatria Infantil) e Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (ex-Hospital Colônia de Barbacena). Os porões da loucura, finalmente, começaram a ser abertos.” (ARBEX, 2013, p. 189).

⁵ “No mundo inteiro, as declarações de Basaglia repercutiram, despertando até o interesse do *New York Times* pela tragédia da loucura do Estado de Minas Gerais” (LOPES; MENDES, 2020, p. 427).

mas sim das dramáticas impressões visuais deixadas pela visitação à instituição. A dimensão sonora tornou-se um elemento relevante nas produções audiovisuais promovidas a partir de 2016, com o lançamento do documentário “Holocausto Brasileiro”.⁶ Assim, foram produzidos “Em Nome da Razão”,⁷ dirigido pelo cineasta mineiro Helvécio Raton e produzido pelo Grupo Novo de Cinema e TV e pela Associação Mineira de Saúde Mental em 1979 (GOULART, 2010), assim como a reportagem “Domingo Espetacular - Holocausto brasileiro: repórter visita maior hospício”, produzido pela TV Record, sem indicação de data.⁸ Em 2016, foi lançado o documentário *Holocausto Brasileiro*,

[...] com uma hora e trinta e um minutos de duração, roteirizado e dirigido pela jornalista Daniela Arbex e pelo diretor Armando Mendez. Produzido pela produtora local Vagalume Filmes e exibido pela TV HBO Max [...]. A partir de entrevistas com envolvidos no cenário tortuoso do hospital, o documentário [...] também se baseia nos relatos de moradores de Barbacena que desconheciam muitas das histórias que aconteciam ali. Mas, o mais importante [...] é a luz lançada sobre as vozes das pessoas que viveram e sofreram essa realidade. (CRUZ, 2021, p. 7).

Por fim, em 2021, foi lançada pelo Canal Brasil a série de ficção “Colônia”,⁹ uma produção

[...] com 10 episódios [que se passa em 1971 [...]]. A protagonista é Elisa (Fernanda Marques), uma jovem de vinte anos [...], grávida de quatro meses de sua grande paixão juvenil e foi enviada para o local pelo pai, Júlio (Henrique Schafer), que fica enfurecido ao descobrir que a filha arruinara seus projetos de casá-la com um rico vizinho de fazendas. Elisa logo se depara com a verdadeira loucura ali presente, mas rapidamente consegue descobrir que, assim como ela, muitas outras pessoas sem nenhum tipo de diagnóstico de doença mental estão internadas [...], todos para lá enviados por serem considerados incômodos para a sociedade. Elisa se aproxima destas pessoas e cria laços de amizade fundamentais para sobreviver, da maneira mais sã possível, a uma vida de abusos e violência diária. (MOTA, 2021).

⁶ Este documentário foi produzido a partir da adaptação do livro homônimo de Daniela Arbex, lançado em 2013. A direção é de Armando Mendez e da própria Daniela Arbex, com roteiro de Daniela Arbex. Foi produzida pela empresa Vagalume Filmes, em parceria com a HBO Latin America.

⁷ “[...] filmado no Manicômio de Barbacena/MG revelando todos os ambientes do hospital. As sequências se interligam pela imagem de um longo e escuro corredor do hospício, enquanto cada interna canta uma música. Propõe uma reflexão sobre a função social do manicômio: para que servem os hospitais psiquiátricos; quem são as pessoas enviadas para lá e qual o processo de cura e recuperação a que são submetidas. O filme denuncia a instituição e contribui para reforma psiquiátrica no país”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cvjyjwI4G9c>. Acesso em: 21 maio 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f1kEBZ4dDVc>

⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/colonia/t/RGX71ZS8Nn/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

Como fiz minha graduação em História e, posteriormente, em Música, considerei ser relevante articular essas duas manifestações do audível à experiência-limite ocorrida naquela instituição, de forma simultânea à constituição de configurações identitárias do Hospital pela mídia. Daí a formulação da problemática norteadora deste artigo: A escuta das sonoridades, veiculadas pelo filme *Holocausto Brasileiro*, de 2016, permite um aprofundamento crítico, existencial e ético da compreensão das experiências ali vivenciadas, em perspectiva distinta (e complementar) das abordagens narrativas?¹⁰

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso elencou como seu objetivo principal formular um memorial sonoro do Hospital Colônia, contribuindo para o não silenciamento da desumanização do tratamento psiquiátrico; nesse esforço, foram interpretados discursos de legitimação e de contestação da Instituição e, por conseguinte, a memória social produzida sobre ela. Por sua vez, os objetivos específicos comportaram dois procedimentos analíticos: Identificar as sonoridades mais expressivas do Hospital Colônia através da obra *Holocausto Brasileiro*, escrita pela jornalista Daniela Arbex em 2013 e desdobrada no documentário produzido sob sua direção e exibido na HBO Max no ano de 2016; analisar as inter-relações entre essas sonoridades e as relações sociais e de poder vigentes no Hospital Colônia, contribuindo para o reforço ou para a contestação da ordem estabelecida.

1. Balizas teóricas e metodológicas da pesquisa

Em termos de fundamentação teórica, este Trabalho de Conclusão de Curso embasou-se sobretudo em dois conjuntos de conceitos: sonoridades-escuta e memorial. A opção pelo enfoque do Hospital Colônia de Barbacena a partir das sonoridades deveu-se justamente à reflexão que venho promovendo sob a orientação da professora Virgínia Buarque, que entre 2020-2022 coordenou, junto com o professor Cesar Maia Buscacio, ambos do Departamento de Música da UFOP, uma pesquisa aplicada intitulada “Gualaxo Vivo: histórias através de sons”. Apresentando esta investigação na disciplina “Pesquisa em Música” em 2021, quando eu me encontrava no 6º período, a abordagem da experiência histórica através dos sons pareceu-me muito instigante, o que me fez adotá-la neste TCC. Com base na bibliografia introduzida pela professora Virgínia, que em desdobramento veio orientar-me na elaboração deste artigo, busquei inicialmente entender o significado de “sonoridade” como conceito. Todavia,

¹⁰ Optei pelo documentário *Holocausto Brasileiro* para manter, na medida do possível, o registro efetivo das sonoridades daquela experiência histórica.

O termo sonoridade, apesar de ser recorrente no campo da música, tem sua definição e uso de maneira ainda muito vaga na literatura musicológica. E apesar de ser um termo que aparece constantemente nesse campo, ele ainda não possui uma definição ou conceituação sedimentada. [...] O conceito expandido do termo sonoridade se apresenta mais como uma metáfora, que sintetiza todo um complexo sistêmico da produção musical [...] a partir de uma escuta contemporânea sensível a toda ordem de qualificação dos sons. É o processo de engendramento e construção dialógica entre as várias instâncias de qualificação que se constitui como um processo criativo [...]. (CASTRO, s. d.)

Com base nos debates mantidos com minha orientadora, pude perceber que “sonoridade” é uma terminologia que então se mostra indissociável da concepção de “escuta”, outra palavra de grande extensão semântica nas artes e nas ciências humanas:

A escuta inclui em seu campo não apenas o inconsciente, no sentido tópico do termo, mas também, se assim podemos dizer, suas formas leigas: o que é implícito, indireto, suplementar, retardado: há uma abertura da escuta a todas as formas de polissemia, de diferentes motivações, de superposições, há um dismantelamento da Lei que prescreve a escuta única. [...] Esta noção aparentemente modesta (a escuta não figura nas antigas enciclopédias, não pertence a nenhuma disciplina reconhecida) é como um pequeno teatro onde se confrontam [...] o poder e o desejo. (BARTHES, 1990, p. 227-229)

O entrelaçamento entre sonoridade e escuta conduziu-me, por sua vez, à definição sistematizada pelos coordenadores do projeto “Gualaxo Vivo”:

Por sonoridades, entendemos o processo de significação dos sons, de cunho histórico-cultural. [...] Logo, as sonoridades incidem sobre uma gama extremamente variada de sons – os advindos dos ecossistemas, os que são promovidos por objetos e máquinas e aqueles produzidos por intervenções humanas. Neste último caso, as sonoridades configuram-se em modalidades verbais (falas, gemidos, gritos, soluços, silêncios...), musicais (instrumentais e de canto) ou híbridas (numa mescla de diversos ou mesmo de todos esses elementos). As sonoridades são constituídas mediante um envolvimento simultâneo da corporeidade, da sensibilidade afetiva, da inteligibilidade e de referências histórico-culturais. (BUARQUE; BUSCACIO; PEREIRA, 2022)

A novidade desta reflexão teórica encontra-se na articulação do par conceitual sonoridade-escuta com a concepção de memorial. Tal imbricação parte do pressuposto que as sonoridades, uma vez escutadas e significadas histórica e culturalmente, não desaparecem de todo, mesmo quando não reverberam mais acusticamente. Elas permanecem na memória, simultaneamente subjetiva e social. Assim, através das memórias sonoras, é possível acionar sensibilidades, suscitar mobilizações, provocar instigações críticas... Daí o intuito deste Trabalho de Conclusão de Curso em elaborar um memorial sonoro, entendendo-se memorial. Mas em que consistem os memoriais?

Segundo Jorge Barcellos (1999, p. 4), este é também um termo ambíguo, mas é possível compreendê-lo sob a concepção estrita de “registros de memória”. Por sua vez, as autoras Maria da Conceição Coelho Ferreira, Illana Heineberg e Sandra Assunção afirmam que

De fato, os relatos memoriais, quer sobre a nação, quer no tocante ao foro privado, por um viés histórico ou ficcional, são construções discursivas em torno dos vestígios herdados que só se diferenciam pelo modo como escolhemos contá-los. Contrapor e elucidar a memória oficial, através de narrativas individuais, significa desafiar discursos meta-narrativos autoritários dando lugar a uma história mais polifônica e aberta ao ‘ex-cêntrico’.

Diante do exposto, nota-se, pois, a necessidade do exercício de memória, que poderia ser visto como possibilidade de superação de toda experiência traumática. (FERREIRA; HEINEBERG; ASSUNÇÃO, 2020, p. 14-15)

Pode-se também aferir dessa transcrição uma justificativa implícita para este TCC: a superação – sempre crítica, sempre pautada na denúncia e na transformação – de uma memória extremamente sofrida na história de Barbacena e do Brasil: a maneira pela qual o Estado e a sociedade lidaram com aqueles rotulados como “doentes mentais”.

Cabe ainda mencionar, no tocante ao significado de memorial, que na cultura ocidental ele mantém fortes vínculos com a prática de escrita e com uma referência institucional (BARCELLOS, 1999, p. 4). Já neste Trabalho de Conclusão de Curso, o “Memorial Sonoro do Hospital Colônia de Barbacena” mantém este liame institucional, mas veicula, além da escrita, sonoridade e mídia digital.

Assim, neste TCC, o memorial assume o significado conceitual de um registro de memória constituído como uma homenagem (geralmente póstuma) a evento(s) ou sujeito(s) cuja experiência e/ou trajetória tornaram-se importantes para os diretamente nelas envolvidos, mas também a toda uma comunidade, nação ou mesmo humanidade.

Como tais fundamentos teórico-conceituais desdobraram-se em procedimentos de pesquisa? Durante o primeiro semestre acadêmico dedicado ao TCC, foram privilegiadas duas práticas. Uma delas consistiu na leitura cuidadosa do livro *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, assim como a promoção de repetidas exibições do documentário de mesmo nome, a fim de que as sonoridades ali citadas pudessem ser identificadas. Foi feita então uma tabela com indicação das inclusões sonoras no filme e sua respectiva minutagem, conforme o Anexo 1 deste artigo. Simultaneamente, foram promovidas leituras teóricas sobre os conceitos de sonoridade-escuta e de memorial, a fim de que o estudo pudesse ser subsidiado.

Neste segundo e último semestre de elaboração de TCC, a culminar em sua defesa pública perante uma banca, a atenção concentrou-se na elaboração da plataforma digital

do Memorial. Para isso, mostrou-se indispensável a contribuição voluntária da graduada em Comunicação e Cinema pela Universidade Federal Fluminense, Ana Carolina Salmont Rodrigues, que integrou o projeto “Gualaxo Vivo”. Ela aceitou o convite para elaborar o “Memorial”, pois domina a linguagem digital, da qual eu ainda não possuo letramento necessário para construção de um site – surgiu daí a plataforma do Memorial, disponibilizada através do site <http://memorialbarbacena.42web.io>.

Enquanto Ana produzia a plataforma, dediquei-me, sempre orientado pela professora Virgínia, a construir uma espécie de tipologia das sonoridades identificadas no documentário, dividindo-as em 4 grupos: “Sons do abandono e da exploração”; “Sons do limiar da morte”; “Sons das resistências dos internos”; “Sons das denúncias midiáticas”. A partir daí, captei os áudios correspondentes a esta tipologia no documentário; em paralelo, produzi fichas explicativas sobre as sonoridades a elas associadas (com suas respectivas iconografias), as quais constituem igualmente os textos-base para a redação dos demais tópicos deste artigo. Essas fichas, por sua vez, são disponibilizadas na plataforma digital do “Memorial” quando aquele que acessa o site clica no ícone¹¹ a ela correspondente; processo similar ocorre com o áudio captado.

SONS DO ABANDONO E DA EXPLORAÇÃO	Trem	
	Chuva	
	Animais domésticos	
	Capinagem	
	Faxina	
	Obras	
SONS DO LIMIAR DA MORTE	Eletrochoque	
	Lobotomia	
	Carroça carregando caixão	
	Silêncio por omissão	
SONS DA RESISTÊNCIA DOS INTERNOS	Sussurros	
	Passos e guizos	
	Aglomerados	
	Cantos e xingamentos	
	Residência terapêutica	
SONS DAS DENÚNCIAS MIDIÁTICAS	Máquina fotográfica	
	Máquina de escrever	
	Trilha sonora	

¹¹ Estes ícones foram obtidos em sites que os disponibilizam gratuitamente. Tais sites encontram-se devidamente identificados nas fichas.

Como última etapa, concentrei meus esforços na elaboração deste artigo acadêmico sobre a pesquisa.

2. Sons do abandono e da exploração

Na página “Sons do abandono e da exploração” da plataforma digital “Memorial Sonoro Hospital Colônia de Barbacena” constam assim seis sonoridades, identificadas e extraídas do documentário dirigido por Daniela Arbex:

Sonoridades:	Minutagem no documentário:
Chuva	41:14 a 41:45.
Trem	02:21 a 02:37, 02:50 a 04:54 3 50:20 a 50:55.
Animais domésticos	02:45 a 02:49, 17:22 a 18:06, 18:07 a 19:51, 19:52 a 20:27, 20:36 a 22:27, 27:36 a 29:35, 29:53 a 30:39, 45:18 a 46:37 e 1:13:47 a 1:14:06.
Faxina	1:19:26 a 1:21:07.
Obras	38:24 a 38:47 e 39:53 a 40:23.
Capinagem	55:09 a 55:33.

O que tais sonoridades nos informam sobre o cotidiano do Hospital Colônia? Como o próprio título deste tópico indica, elas remetem a uma prática recorrente de abandono e exploração. Na tentativa de reconstituir e, mais uma vez, denunciar a pérfida estrutura ali montada, este Trabalho de Conclusão de Curso elaborou uma ficha explicativa para cada uma dessas sonoridades, disponibilizadas na plataforma do Memorial. Articuladas entre si, em sua expressividade sonora e em seu conteúdo informativo, elas permitem compreender o violento despojamento da condição humana a que os internos do Colônia foram submetidos.

Assim, a primeira sonoridade escutada era justamente a que conduzia os futuros internos ao Hospital: o do deslocamento da locomotiva e dos vagões dos trens nos trilhos. Como indicado na ficha correspondente, este o principal meio de transporte dos que foram internados (tantas vezes de forma ilegal) em Barbacena. De início, o trem conduzia ao Colônia moradores da região da Zona da Mata mineira, mas logo depois vieram pacientes de outros lugares de Minas e do Brasil.

A parada na estação Bias Fortes era a última da longa viagem de trem que cortava o interior do país. Quando a locomotiva desacelerava, já nos fundos do Hospital Colônia, os passageiros se agitavam. Acuados e famintos, esperavam a ordem dos guardas para descer, seguindo em fila indiana na direção do desconhecido. Muitos nem sequer sabiam em que cidade tinham desembarcado ou mesmo o motivo pelo qual foram despachados para

aquele lugar. Os deserdados sociais chegavam a Barbacena de vários cantos do Brasil. Eles abarrotavam os vagões de carga de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz. A expressão ‘trem de doido’ surgiu ali. Criada pelo escritor Guimarães Rosa, ela foi incorporada ao vocabulário dos mineiros para definir algo positivo, mas, à época, marcava o início de uma viagem sem volta ao inferno. [...] No conto ‘Sorôco, sua mãe, sua filha’, do livro *Primeiras estórias*, lançado em 1962, o autor resgata a situação dos trens que chegavam apinhados de gente à capital brasileira da loucura, em busca de tratamento psiquiátrico (ARBEX, 2013, p. 25-26).

Conduzidos compulsoriamente ao Colônia, os internos passavam a escutar a chuva que caía inúmeros dias por ano. E essa sonoridade era um indício de novas mazelas em que possivelmente iriam ocorrer, pois o Hospital situava-se na Serra da Mantiqueira, a 1.164m de altitude, ou seja, em uma região de clima úmido, com meses de forte friagem e até mesmo geadas (DUARTE, 2009, p. 159). Tal localização deveu-se à concepção, vigente no século XIX e parte do XX, de que tal temperatura favoreceria o tratamento da tuberculose (a Instituição era inicialmente um sanatório voltado para o cuidado de segmentos elitizados acometidos por tal doença). Contudo, ao tornar-se um Hospital psiquiátrico onde eram internadas pessoas empobrecidas, o espaço logo transformou-se em um foco de doenças de natureza infectocontagiosas, que continuamente atingiam os pacientes. Simultaneamente, as condições de asilo eram precaríssimas: instalações sanitárias insuficientes, pátios sem calçamento, pavilhões inadequados e pequenos para o grande número de doentes. Havia ainda a falta de medicamentos, o que impedia o tratamento das doenças intercorrentes ocasionadas pelo clima. Aliás, era corriqueiro o estado de desabastecimento dos remédios necessários aos internos por falta de pagamento aos fornecedores (DUARTE, 2009, p. 189).

No relatório do diretor Dr. Fortini, em 1947, estava descrito que “os abrigos ao ar livre não [comportavam] a décima parte da população; em dias de chuva, os pacientes [eram] reclusos [sic] aos pavilhões, ou melhor, em áreas cobertas como se fossem animais em estábulos” (apud ALVIM, 1956, p. 132). Em decorrência, o número de falecimentos alcançava índices alarmantes, sobretudo durante as estações de outono e inverno.

Condições tão insalubres eram em parte agravadas pela circulação de diferentes animais no Hospital. Efetivamente, sons de pássaros, galos, cachorros e outros animais domésticos são constantes em todo o documentário *Holocausto Brasileiro*, caracterizando a dimensão rural e agrícola do Hospital. O modelo de internação psiquiátrica em colônias implicava na localização de tais instituições em bairros afastados dos centros urbanos, a

fim de isolá-los de um convívio social para os quais não eram considerados aptos. Contudo, não havia cuidados higiênicos para manutenção dos animais, que viviam misturados com os internos.

Em paralelo, a residência em áreas rurais era tida como terapêutica, pois os trabalhos aí desempenhados – em especial trabalhos agrícolas – garantiriam aos pacientes alguma ocupação (cujas rendas eram apropriadas pelo Hospital). Parte dos pacientes, portanto, era empregada na plantação e na criação, visando a alimentação de pacientes e funcionários. Além disso, costumavam ser implantadas oficinas de costura, sapataria, colchoaria, dentre outras (MOREIRA, 2021, p. 56).

Dessa maneira, na parte interna dos pavilhões, era possível escutar sonoridades de faxinas, em parte desempenhada por internas. O filme *Holocausto Brasileiro* informa que após a chegada das Irmãs de São Vicente de Paula, ainda no século XIX, que assumiram a direção do Hospital, houve uma atenção a questões de higienização e limpeza dos quartos e das roupas de cama. As irmãs “ocupavam um lugar central e de destaque, tanto na gestão do hospício quanto na condução do tratamento. Essa condição prossegue até o segundo governo republicano” (ASSIS, 2020, p. 75), quando foram substituídas por um corpo técnico laico.

Porém, tais cuidados eram seletivos. Os internos sem quaisquer recursos não contavam com as mesmas providências. Assim, por exemplo, como descrito no livro que inspirou o registro cinematográfico, Marlene, uma das funcionárias, fora incumbida da

[...] lavagem de toda a ala, na tentativa de desinfetar o chão impregnado pelo cheiro de fezes e urina não só humanas, mas também dos ratos que dividiam o espaço com os pacientes do Colônia, considerado o maior hospício do Brasil. Ao esfregar a vassoura contra o piso, a jovem viu o emprego dos sonhos transformar-se em pesadelo. Começara a trabalhar num campo de concentração travestido de hospital. (ARBEX, 2013, p. 23)

Já nas áreas externas, sonoridades de capinagem volta e meia ecoavam, justamente pelo ambiente parcialmente rural da sede do Hospital. Muitos pacientes foram utilizados como mão de obra não remunerada para manutenção do espaço físico da Instituição, em serviços de limpeza pública urbana de Barbacena e até mesmo em obras nas residências particulares de lideranças do Colônia.

O livro *Holocausto Brasileiro* traz o depoimento de Luiz Felipe, que residia nas vizinhanças do Hospital. Ele informa ter visto muitas vezes os pacientes

[...] abrirem estrada na enxada. A ferramenta também era utilizada na plantação. Registros da Instituição apontam que, em 1916, quase metade da receita do hospital foi garantida pelo suor dos pacientes e pela venda

dos alimentos que eles plantavam. Com a colheita de dez alqueires de milho, cinco de batata doce, nove de feijão e nove hectares de mandioca, os negócios no Colônia iam bem. O faturamento era garantido, ainda, pelo uso da mão de obra dos internos no conserto de vias públicas, limpeza de pastos, preparação de doces. A venda de roupas — 4 mil peças só naquele ano — também era negócio lucrativo” (ARBEX, 2013, p. 54)

O livro também traz o depoimento de Alba Watson Renault, neta de Zenon Renault, o farmacêutico do Hospital, que então contava com 53 anos. Ela descreve como passou sua infância vendo homens e mulheres internos do Colônia vestidos com o “azulão” — uniforme de brim azul — capinando as ruas do município (ARBEX, 2013, p. 55).

E os sons da capinagem, volta e meia, mesclavam-se àqueles provindos dos serviços de manutenção e construção, também indicativo dos aspectos de desumanização e trabalho escravo a que eram submetidos os pacientes do Hospital. O filme traz à tona relatos sobre essa extremada exploração da mão de obra, como o de Milton Raposo, chefe de obras do Hospital: em seu depoimento, ele naturaliza muitos tratamentos dados aos pacientes do Colônia; não se envergonha ao reconhecer que muitos saíam para trabalhar em troca de um maço de cigarro e um pão. Chega a mencionar que chegou a trazer alguns internos para executar uma reforma da sua casa. O final da sua narrativa é ainda mais revelador: Raposo não vê problema em comparar o paciente psiquiátrico a um “[...] cachorro muito bom, ele atende igualzinho. Vem cá, faz isto para mim. Não te cobra nada [...]” (HOLOCAUSTO..., 2016; TOMAIN, 2019, p. 242).

A justificativa da Instituição para tal prática era a de que esse trabalho constituía, para os internos, uma espécie de “válvula de escape” das rotinas, tratamentos e stress vivenciados cotidianamente nos pavilhões. A sofrida prática diária, porém, era bem diferente:

[...] o jovem experimentou a covardia e a escravidão. Recrutado por um funcionário do Hospital que decidiu ganhar dinheiro nas costas daquela gente, Luiz passou a construir, de graça, casas populares que o tal homem vendia. A exploração da sua mão de obra, no entanto, não foi o que mais doeu, e sim as humilhações impostas. ‘Por qualquer coisinha de nada, ele me dava um coro, batendo com a mão aberta no meu rosto e orelha’, relembra (ARBEX, 2013, p. 116).

3. Sons do limiar da morte

A esse quadro de extremo abandono e humilhação, somavam-se ainda situações que podem ser consideradas como práticas de tortura humana. Ainda que algumas delas sejam até hoje consideradas como recursos terapêuticos extremos, na forma como eram

promovidos apenas agravavam o já intenso e diário sofrimento dos internos. Na página intitulada “Sons do limiar da morte” no “Memorial Sonoro do Hospital Colônia de Barbacena”, são apresentadas quatro sonoridades, igualmente integrantes do documentário *Holocausto Brasileiro*:

Sonoridades:	Minutagem no documentário:
Eletrochoque	12:04 a 12:49, 12:50 a 14:03 e 17:22 a 18:06.
Lobotomia	
Carroça transportando caixão	25:07 a 27:17 e 32:39 a 33:16.
Silêncio por omissão	34:42 a 34:49 e 51:04 a 51:08.

Este tópico, sem dúvida, foi o mais difícil de ser elaborado neste Trabalho de Conclusão de Curso, face à extrema agressão à pessoa humana nele descrita. Na busca por entender o contexto de escuta das sonoridades decorrentes do “tratamento” com eletrochoque, relatado no livro e no documentário de Daniela Arbex, ficou logo perceptível que ele era utilizado como modo de conter e até punir comportamentos tidos como inadequados.

Acreditava-se que o choque causado por esses equipamentos seria capaz de trazer aos pacientes a consciência acerca do seu corpo e da sua condição. Portanto, após uma atordoante sessão [...], acompanhada de enjoos e vômitos, passado o mal-estar o paciente estaria novamente calmo, tranquilo e ciente das coisas ao seu redor” (MOREIRA, 2021, p. 34).

De acordo com Daniela Arbex, “Os pacientes do Colônia morriam [...] também de choque. Em alguns dias, os eletrochoques eram tantos e tão fortes, que a sobrecarga derrubava a rede do município. [...] o médico Ronaldo Simões Coelho, oitenta anos, afirma que ‘os eletrochoques eram dados indiscriminadamente. [...] Muitos morriam, outros sofriam fraturas graves.’” (ARBEX, 2013, p. 14; 31). A autora também insere o depoimento de uma funcionária sobre uma das mortes provocada por eletrochoque no Hospital:

A colega Maria do Carmo, que também era da cozinha, foi a primeira a tentar. Cortou um pedaço de cobertor, encheu a boca do paciente, que a esta altura já estava amarrado na cama, molhou a testa dele e começou o procedimento. Contou mentalmente um, dois, três e aproximou os eletrodos das têmporas de sua cobaia, sem nenhum tipo de anestesia. Ligou a engenhoca na voltagem 110 e, após nova contagem, 120 de carga. O coração da jovem vítima não resistiu. O paciente morreu ali mesmo, de parada cardíaca, na frente de todos. Estarrecidas, as candidatas se mantiveram em silêncio. Algumas lágrimas teimaram em cair naqueles rostos assustados, mas ninguém ousou falar. (ARBEX, 2013, p. 34).

As sonoridades da lobotomia, por sua situação-limite, nem sequer foram incluídas no filme de Daniela Arbex, apenas no livro. Contudo, considere importante abrir aqui uma exceção e mencioná-las neste Trabalho de Conclusão de Curso, justamente pela extremada agressão nelas contida.

A lobotomia consiste em uma cirurgia criada pelo médico português Egas Moniz (1879-1955) e praticada no Colônia de Barbacena desde o início da década de 1950. Trata-se de uma intervenção no lóbulo pré-frontal, a partir daí empregada no Colônia em sujeitos considerados agressivos, um perfil que não teria sido revertido pelos eletrochoques. Os primeiros a serem submetidos à lobotomia foram internos esquizofrênicos (ASSIS, 2021, p. 128), sendo que ela continuou sendo aplicada no Hospital até a década de 1970.

A lobotomia gerou protestos contra o seu emprego, pois o seu efeito deixava as pessoas a ela submetida sem reação psíquica (DUARTE, 2009), como descrito por Daniela Arbex:

A nova concursada presenciou, ainda, momentos emblemáticos no hospital, como a cirurgia de lobotomia realizada em um garoto de apenas doze anos que sofria crises de epilepsia. A cirurgia foi feita em 78, quando uma parte do cérebro do menino foi retirada. [...] O paciente ficou bem, mas muitos doentes passaram a vegetar depois da cirurgia, como João Adão, o último lobotomizado do Colônia, em 1979. A técnica ainda é realizada em algumas cidades brasileiras. (ARBEX, 2013, p. 79).

Situações tão precárias muito frequentemente levavam à morte dos internos do Colônia, desdobrando-se daí uma outra sonoridade trágica: a das carroças que saíam do Hospital transportando caixões. Assim, Daniela Arbex relata, tanto no livro como no documentário, a caminhada diária dos pacientes ao Cemitério da Paz, transportando corpos para serem sepultados em uma carroça com tração animal com uma cruz vermelha pintada nas laterais. Dessa maneira, ela sintetiza o depoimento de uma moradora de Barbacena:

Os doidos passavam na porta da casa dela em silêncio, de cabeça raspada, sempre descalços. A cena nunca lhe saiu da cabeça. Aqueles seres esqueléticos não provocavam pavor em ninguém, nem mesmo na menina que assistia penalizada ao cortejo dos pacientes[...] Símbolo da morte no Hospital, a carroça atravessava os pavilhões, diariamente, em busca de novos mortos. A viagem fúnebre só terminava quando os corpos eram recolhidos e transportados. (ARBEX, 2013, p. 57).

Mas o cemitério que abrigava os restos mortais dos internos do Colônia padecia do mesmo descaso do cuidado com os vivos:

— Dona, não entra aí, tem macumba — gritou André dos Santos, menino de oito anos que mora em frente ao Cemitério da Paz. Sem portão, o que se vê hoje é uma área de 8 mil metros quadrados tomada por mato alto e detritos. Por entre as sepulturas, há preservativos usados e restos de latas de alumínio utilizadas no consumo de crack. Esse é o local onde são mantidos os 60 mil mortos do Colônia. Enterradas em covas rasas, as vítimas de tratamento cruel não alcançaram respeito nem na morte. Seus túmulos vêm sendo depredados ao longo do tempo, e nem mesmo os ossos revelados conseguiram reverter o descaso imposto aos excluídos sociais. (ARBEX, 2013, p. 57).

Arbex também menciona a criação de um necrotério em uma das salas do Colônia, na qual, segundo o fotógrafo Luiz Alfredo, alguns cadáveres acumulavam-se em estado de putrefação junto a “dezenas caixões feitos de madeira barata” (ARBEX, 2013, p. 149). Absurdamente, os internos do Hospital

[...] Morriam de tudo — e também de invisibilidade. Ao morrer, davam lucro. Entre 1969 e 1980, 1.853 corpos de pacientes do manicômio foram vendidos para dezessete faculdades de medicina do país, sem que ninguém questionasse. Quando houve excesso de cadáveres e o mercado encolheu, os corpos foram decompostos em ácido, no pátio do Colônia, na frente dos pacientes, para que as ossadas pudessem ser comercializadas. Nada se perdia, exceto a vida (ARBEX, 2013, p. 14).

Invisibilidade e silenciamento por omissão – a quarta e paradoxal sonoridade integrante deste tópico. Imperava no Colônia uma forte sensação de impotência, uma das raras experiências que afetavam tanto internos como funcionários:

Muitos contam que desejaram denunciar o sistema, mas não havia quem se dispusesse a ouvir. Vinte e oito presidentes do Estado de Minas Gerais, entre interventores federais e governadores, revezaram-se no poder desde a criação do Colônia, entre 1903 e 1980. Outros dez diretores comandaram a instituição nesse período, alguns por mais de vinte anos, como o médico Joaquim Dutra, o primeiro dirigente. Em 1961, o presidente Jânio Quadros colocou o aparato governamental a serviço da instituição para reverter “o calamitoso nível de assistência dada aos enfermos”. Deputados mineiros criaram comissões para discutir a situação da unidade dez anos depois. Nenhum deles foi capaz de fazer os abusos cessarem. Dentro do Hospital, apesar de ninguém ter apertado o gatilho, todos carregam mortes nas costas. (ARBEX, 2013, p. 38).

Já Moreira, que elencou o Hospital Colônia como tema de seu doutorado, postula que “O incômodo do silêncio era, em mim, muito maior que aquele gerado ao encarar uma realidade dolorosa” (MOREIRA, 2021, p. 23). Dessa maneira, ele afirma,

Uma das consequências da constante aplicação do poder disciplinar [no Hospital] – além da criação de corpos dóceis – é o silenciamento das/os pacientes ou, como afirma Porter (1990, p. 44), sua transformação em seres ‘inaudíveis para a maioria das pessoas e ininteligíveis para outras, pouco inclinadas a escutar’. Ao segregar as pessoas, [...] não são apenas seus

corpos que são trancados. Tranca-se a pessoa em sua totalidade, inclusive no que diz respeito ao expressar-se (MOREIRA, 2021, p. 120).

Sob o Colônia, pairava assim um forte silenciamento, agravado pelo incômodo trazido à cultura ocidental – supostamente tão racionalista – no defrontar-se com situações de transtorno mental. Lima Barreto, através do personagem Assis descreve, em “Diário dos Vivos”, o terror provocado por aqueles considerados “loucos”:

A noção do horror que se tem da loucura não parte da verdadeira causa. O que todos julgam é que a coisa pior de um manicômio é o ruído, são os desatinos dos loucos, o seu delirar em voz alta. É um engano. Perto do louco, quem os observa bem, cuidadosamente, e une cada observação a outra, as associa num quadro geral, o horror misterioso da loucura é o silêncio, são as atitudes, as manias mudas dos doidos (BARRETO, 2017, p.167).

Por sua vez, os psicanalistas Dunker e Kyrillos afirmam que discursos podem silenciar formas de sofrimento, definindo o significado de loucura (KYRILLOS; DUNKER, 2017, p. 957).

O silenciamento imposto aos internos – numa rotulação de “insignificância” às suas vidas, desdobrou-se na invisibilidade do Colônia em muitos escritos e estudos sobre Barbacena (DUARTE, 2009, p. 167).

4. Sons das resistências dos internos

As atrocidades cometidas no Hospital Colônia não deixaram de provocar resistências por parte dos internos. Neste trabalho, atentou-se a cinco expressões sonoras dessas resistências, integrantes do documentário *Holocausto Brasileiro*:

Sonoridades:	Minutagem no documentário:
Sussurros	18:07 a 19:51.
Passos e guizos	09:15 a 09:27, 17:22 a 18:06, 22:28 a 22:38, 38:48 a 39:52, 53:55 a 55:08, 55:09 a 55:33, 58:38 a 59:59, 1:00:26 a 1:02:25, 1:25:24 a 1:25:39 e 1:26:15 a 1:26:21
Aglomerados	
Cantos e xingamentos	53:25 a 53:54.
Residência terapêutica	1:19:14 a 1:19:26.

As resistências sonoras no Hospital Colônia não poderiam jamais ser ordenadas, tal o grau de destruição física e psíquica a que os pacientes estavam submetidos. Assim, o cotidiano desta Instituição era permeado de ruídos e sons confusos, mas também não faltavam gritos, choros e silêncio. Grande parte das vezes, porém, as vozes eram apenas

sussurradas, quer para a própria pessoa, numa comunicação imaginária, quer em contatos muito fragmentários com outros seres que ali estavam presentes. Ora, produzir narrativas, sobre si e sobre a vida, é uma das expressões e condições da cidadania. Os internos do Colônia, assim, eram desprovidos de seus fundamentos políticos, enquanto cidadãos, e existenciais, enquanto sujeitos de palavra.

Mas alguns murmúrios, geralmente entoados em tom baixo, para evitar repreensões e até punições, como o encarceramento e o eletrochoque, por vezes iam crescendo em intensidade, podendo então tornar-se xingamentos, cantos, glossolalias... Ou um pouco de tudo isso.

Não obstante, sem dispor de um discurso considerado legítimo ou válido junto à sociedade, os internos careciam de porta-vozes de suas demandas e denúncias, como o fez de forma pioneira o médico italiano Franco Basaglia.¹² Com as transformações paulatinamente empreendidas na Instituição a partir de meados dos anos 1980, no contexto do processo de redemocratização política no Brasil, as vozes desses internos começaram a fazer-se ouvir. Trata-se, ainda hoje, de uma escuta incômoda, difícil, angustiante, mas que ao ser promovida, possibilita que os emissores dessas vozes, por tanto tempo silenciados – e até aniquilados – “tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente” (PORTELLI, 2010, p. 2).

Outra sonoridade escutada de forma recorrente no documentário *Holocausto Brasileiro* – interpretada neste TCC como uma prática de resistência dos internos – era a de passos nos pavilhões do Hospital. Eram centenas e centenas de pessoas que em salas, corredores e pátios vagavam sem rumo, como descrito pelo médico Ronaldo Simões: “Eu tive vergonha de ser psiquiatra quando eu vi as cenas, [tive] vergonha de ser gente. De ver o que é possível fazer com o outro... O cheiro, a pobreza, o som que não existia, a fala que não existia... andar em volta de si mesmo horas e horas, tudo isso era [considerado] natural” (apud MAYA NETO, 2018, p. 164).

Mas o som de passos poderia também implicar em novas dores, causados sobretudo às internas da Instituição, em função do elevado número de estupros ali praticados. Amílcar de Castro (escultor, gravador, desenhista) escreveu em 1989 o poema “Holocausto feminino”, tematizando o abuso sexual de que as internas eram vítimas. Já

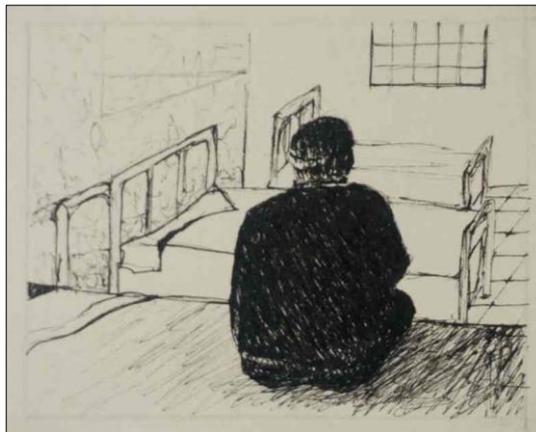
¹² Como indicado à página 4 deste TCC.

a gravura de Clébio Maduro “Não toque o guizo” (abaixo reproduzida)¹³ se refere ao sino tocado quando ocorria um risco de estupro nas salas e corredores do Hospital.

Andam entre mulheres nuas e expostas
Postas à venda
Vivas ou mortas
Ou quase
Na terra de sonâmbulas
Os habitantes da solidão.

É silêncio
A vida parou
A memória estampa a multidão estática
Que observa apática.

O desenho é simples
Como feito na hora
Agora qualidade do não sabido
Gravado na madeira com sabedoria.
(CASTRO, s. d.)



Outra sonoridade inconfundível do Hospital Colônia era a promovida pelas centenas de internos aglomerados nos quartos, corredores e pátios. Desprovido, na prática, de sua finalidade médica e curativa, o Colônia tornou-se, em termos pragmáticos, um local de encarceramento, com uma dura rotina que todos os internos eram obrigados a seguir (MOREIRA, 2021, p. 27). Assim, de acordo com Daniela Arbex,

Os recém-chegados à estação do Colônia eram levados para o setor de triagem. Lá, os novatos viam-se separados por sexo, idade e características físicas. Eram obrigados a entregar seus pertences, mesmo que dispusessem do mínimo, inclusive roupas e sapatos, um constrangimento que levava às lágrimas muitas mulheres que jamais haviam enfrentado a humilhação de ficar nuas em público. Todos passavam pelo banho coletivo, muitas vezes gelado. Os homens tinham ainda o cabelo raspado [...]. Após a sessão de desinfecção, o grupo recebia o famoso “azulão”, uniforme azul de brim, tecido incapaz de blindar as baixíssimas temperaturas da cidade. [...] Os homens eram encaminhados para o Departamento B, e os que tinham condição de trabalhar iam para o pavilhão Milton Campos, onde, em razão dos pequenos dormitórios, ficavam amontoados [...]. As mulheres andavam em silêncio na direção do Departamento A, conhecido como Assistência. [...] As que não podiam pagar pela internação, mais de 80%, eram consideradas indigentes. (ARBEX, 2013, p. 26-27).

Logo, em meio à barafunda da aglomeração, havia uma certa hierarquia: algumas áreas eram exclusivamente destinadas à direção, outras aos funcionários da administração, distintas daquelas dos empregados que lidavam diretamente com os

¹³ Imagem disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/06/02/interna_cultura,1370571/exposicao-colonia-retrata-atrocidades-no-manicomio-de-barbacena.shtml. Acesso em: 4 fev. 2023.

internos. Os sons, também confusos, comportavam, para os que sabiam escutá-los, essa ordenação implícita: nem todos ecoavam da mesma forma nos mesmos lugares do Hospital.

Em desdobramento, cabe ressaltar que uma das manifestações sonoras mais expressivas da resistência dos internos do Hospital Colônia de Barbacena ficou conhecida como o “canto de Sueli”. Trata-se de Sueli Aparecida Resende, interna que não hesitou em reagir com violência a toda crueldade que fora vítima, fosse para com outros – “Arrancou orelha de muitos pacientes” –, fosse para consigo mesma: “Usou grampos para ferir os pulsos, enfiou cabo de vassoura na vagina, arrancou o próprio dente. A cada sessão de choque que tomava, espalhava o mesmo terror que lhe havia sido imposto. O comportamento dela rendeu muita represália. Foi espancada várias vezes, inclusive pelas colegas de pavilhão, e colocada nua na cela, apesar do frio que cortava a pele” (ARBEX, 2013, p. 124).

O inconformismo enraivecido foi também veiculado por Sueli através da música: ela compôs uma canção que “se tornou uma marcha para os demais pacientes do Hospital” (LOPES; MENDES, 2020, p. 427). Através desse canto, Sueli compreende sua prisão como uma experiência profundamente negativa, na qual se mesclava uma postura bastante opressora da Instituição com os inúmeros sofrimentos humanos ali presenciados. Mas ela não aceita passivamente essa situação; pelo contrário, a contesta veementemente, inclusive com recurso ao palavrão:

Ô seu Manoel, tenha compaixão Tira nós tudo desta prisão Estamos todos de azulão Lavando o pátio de pé no chão	Lá vem a boia do pessoal Arroz cru e feijão sem sal E mais atrás vem o macarrão Parece cola de colar balão	Depois vem a sobremesa Banana podre em cima da mesa E logo atrás vêm as funcionárias Que são as putas mais ordinárias (apud ARBEX, 2013, p. 111).
--	---	---

Uma sonoridade, porém, não foi mencionada no documentário de Daniela Arbex e, por isso, não incluída no “Memorial”, mas ela parece-me extremamente expressiva das práticas de resistência dos pacientes, e assim a menciono aqui. Trata-se da reelaboração de cânticos religiosos, numa manifestação simultânea de crítica à maneira como a Igreja Católica procedia sua atuação no Hospital, assim como de uma esperança não traduzida em semânticas aceitas pela cultura letrada, mas plena de sensibilidade:

De longe, Luiz Felipe observava a lida daquela gente. Não pareciam doentes, mas escravos, embora a escravatura no Brasil tivesse terminado

havia quase trinta anos. Não sentia medo deles, guardando segredo sobre a afeição que nutria por aqueles homens diferentes e até engraçados que celebravam suas próprias missas, a despeito da condenação da Igreja. Proibidos de pisar na Capela Nossa Senhora das Graças, construída dentro do Colônia, eles criaram seus próprios altares. Para provocar a Igreja, alguns pacientes intitulavam-se ‘bispos’ e roubavam a audiência dos cônegos. As celebrações conduzidas pelos considerados privados de razão eram as mais disputadas da Instituição. Aliás, aquelas rezas simplórias faziam muito mais sentido do que as balbuciadas em latim. (ARBEX, 2013, p. 54).

Considero que uma derradeira sonoridade de resistência dos internos possa ser reconhecida naquelas provindas das atuais residências terapêuticas, para onde os pacientes foram encaminhados após o fechamento da Instituição em caráter manicomial. No ano de 1986, o diretor do Hospital, psiquiatra Jairo Furtado Toledo, em parceria com médico Ronaldo Simões, iniciou um projeto de construção de cinco casas de acolhimento, as quais se tornariam residências terapêuticas, isto é, habitações destinadas a pessoas que permaneceram internadas por períodos muito longo e não possuem condições de retorno a uma família. Contudo,

[...] quando a obra ficou pronta, representantes do futuro governo de Minas decidiram conhecer o espaço. Cogitaram dar outra destinação para as casas, afinal, não fazia sentido investir recursos no tratamento da loucura. Não tiveram tempo de desviar a finalidade do espaço. Em uma semana, Jairo promoveu uma invasão no imóvel. [...] Deu certo. Os módulos existem até hoje. De lá para cá, outras vinte e oito residências terapêuticas foram construídas fora do hospital. A cidade dos loucos começou a mudar... (ARBEX, 2013, p. 218).

O livro *Holocausto Brasileiro* descreve uma dessas transferências: “Em 2003, quando teve a chance de ganhar um endereço, bateu pé. Só deixaria o Colônia se pudesse levar Terezinha com ela. Saíram juntas do hospital, de mãos dadas, pelo portão principal do Colônia. Não olharam para trás” (ARBEX, 2013, p. 48).

As sonoridades nas residências terapêuticas são bastante distintas daquelas escutadas no Hospital. Além dos sons cotidianos do cuidado de uma casa, há também momentos de lazer e de celebrações: A rotina na “residência” é quebrada por dois acontecimentos: os aniversários e as viagens, ambos cercados de muita excitação. [...] As festas são muito semelhantes aos aniversários de criança, com bolo confeitado, vela, balões, salgadinhos e refrigerantes. Também não costuma faltar música, mas especificamente o forró” (PEREIRA, 2008, p. 80).

5. Sons das denúncias midiáticas

Para que essas transformações da vida dos internos do Hospital Colônia pudessem acontecer, a atuação da mídia – entendida como um jornalismo investigativo – mostrou-se crucial. E ela foi promovida tanto através de meios impressos (como jornais e revistas) como cinematográficos. No “Memorial”, foi possível inserir três expressões sonoras ligadas à atuação da mídia:

Sonoridades:	Minutagem no documentário:
Máquina fotográfica	08:31 a 09:14, 15:05 a 15:13 e 1:00:26 a 1:02:25
Máquina de escrever	08:31 a 09:14, 20:28 a 20:35, 41:14 a 41:45, 48:20 a 50:19, 1:07:41 a 1:13:46, 1:15:33 a 1:16:29, 1:19:14 a 1:19:26 e 1:25:09 a 1:25:23
Trilha sonora	05:44 a 05:46, 08:25 a 08:30, 15:05 a 15:13, 20:36 a 22:27, 31:01 a 32:38, 34:27 a 34:41, 41:14 a 41:45, 45:18 a 46:37, 48:20 a 50:19, 50:20 a 50:55, 1:00:00 a 1:00:25, 1:00:26 a 1:02:25, 1:02:26 a 1:05:14, 1:07:41 a 1:13:46, 1:14:07 a 1:15:32, 1:15:33 a 1:16:29, 1:16:30 a 1:17:13, 1:19:14 a 1:19:26, 1:25:09 a 1:25:23 e 1:29:11 a 1:30:49.

Em termos sonoros, as primeiras reportagens sobre o Hospital Colônia foram acompanhadas por fotografias produzidas por máquinas analógicas. Tais aparelhos, no momento em que “batiam a foto”, também emitiam um “click”, registro audível que se tornou uma de suas representações culturais mais famosas. Esse “click” é provocado pelo obturador da câmara, um dispositivo que, ao ter seu botão apertado, abre a passagem da luz externa para o sensor da máquina, fechando-a automaticamente a seguir.

As primeiras imagens sobre o Colônia foram assim obtidas com uma máquina Leica e rolos de filme de 35mm, depois revelados em preto & branco. Eram de autoria do fotógrafo da revista *O Cruzeiro*, Luiz Alfredo, e constituíram-se no maior conjunto iconográfico – de enorme tragicidade – acerca do cotidiano daquela Instituição, a ponto da reportagem em que as fotos foram reproduzidas ter sido intitulada “A sucursal do inferno” (*O CRUZEIRO*, 13 maio 1961). Mas se a publicação inicialmente causou comoção nacional, “Quando o calor da notícia abrandou, tudo continuou exatamente igual no hospício. Por sorte, o fotógrafo não se desfez dos negativos.” (ARBEX, 2013, p. 152), vendendo-o posteriormente, a um preço simbólico (a despeito de ofertas mais vultosas que lhe foram feitas por instituições internacionais), para a Fundação Municipal de Cultura de Barbacena (ARBEX, 2013, p. 169).

Junto com a máquina fotográfica, o emprego da antiga máquina de escrever – utilizada para a redação das reportagens-denúncia – teve um papel importantíssimo nas

pressões pelo fechamento do Hospital Colônia. Daniela Arbex, em seu livro, relata impressões e informações obtidas quando profissionais da Comunicação se defrontaram com o cotidiano do Hospital: “Milhares de mulheres e homens sujos, de cabelos desgrenhados e corpos esqueléticos cercaram os jornalistas. A primeira imagem que veio à cabeça d[o] jornalista José Franco foi a do inferno de Dante. Difícil disfarçar o choque” (ARBEX, 2013, p. 149).

No Brasil, as máquinas de escrever foram introduzidas nas redações dos jornais a partir de 1912, sendo logo adotadas por literatos e estudiosos, como Mário de Andrade, que em carta a Manuel Bandeira, mencionou o “teleco-teco” sonoro das teclas ao serem batidas (ANDRADE apud MARTINS; BERTOL, 2018, p. 25). Mário também compôs o poema “Máquina-de-escrever”, publicado em *Losango cáqui*, em 1926, cujo trecho inicial também evoca as sonoridades do aparelho: “B D G Z, Remington./ Pra todas as cartas da gente./ Eco mecânico/ De sentimentos rápidos batidos./ Pressa, muita pressa [...]”. (ANDRADE apud MARTINS; BERTOL, 2018, p. 25). Vinculada à modernidade, a máquina de escrever foi muitas vezes empregada para veicular questionamentos, críticas e demandas por transformação social. Foi este o uso que lhe conferiu Hiram Firmino, autor das reportagens “Os porões da loucura”, sobre o Hospital Colônia, publicadas em 1979 no jornal *Estado de Minas* (ARBEX, 2013, p. 190).¹⁴

Finalizo esta abordagem das sonoridades do Hospital Colônia com uma menção à área de minha atuação formação, a música. Assim, também as trilha sonora contribui para uma sensibilização e, de certa forma, um envolvimento ético dos espectadores do documentário *Holocausto Brasileiro* em relação à trágica experiência social ali vivenciada.

É interessante observar que o primeiro filme-documentário sobre o Hospital Colônia, *Em nome da razão*, de Helvécio Ratton, lançado em 1979, não continha trilha sonora. Tal opção do diretor consistiu em uma tentativa de exposição direta do espectador ao sofrimento ali promovido.¹⁵

Já o documentário *Holocausto Brasileiro*, de 2016, realizado em parceria com a HBO, incorporou duas músicas em sua trilha sonora: *One Round In The Chamber - Full Length* (Instrumental) e *Inglorious-14494*, ambas de Brian Flores, Jonathan Slott e John Hunter Jr (ASCAP), presentes no álbum *OM-18-Let It Breathe*. Além das músicas, a

¹⁴ Como também mencionado à página deste TCC.

¹⁵ Este filme foi considerado um símbolo da luta antimanicomial, podendo ser assistido no site <https://www.dailymotion.com/video/x1hjp4b>.

trilha sonora do documentário também incluiu sons diretos, ou seja, sons gravados de forma simultânea à captação de imagens pela filmadora; a *voz over*, ou voz do narrador; diversos depoimentos.

Houve um cuidado na edição sonora de todos esses elementos, com diminuição ou elevação do volume, justaposição de palavras, sons e musicalidade em função da ênfase de significação priorizada e da criação de um “efeito de real”. De forma geral, verifica-se a tentativa de suscitar, mediante tal combinatória, uma afetação de angústia e inconformismo com a situação dos pacientes do Hospital Colônia de Barbacena

Posteriores produções artísticas que tematizam a situação do Hospital Colônia também recorreram a trilhas sonoras, a exemplo da peça teatral “Nos porões da loucura”, de Ana Gusmão, apresentada em 2016 no Grande Teatro do Sesc Palladium, Belo Horizonte. Ela comporta três músicas: *Portal do tempo*, *Olhos da Alma* e *Aere*, de Marcus Viana, integrantes do CD *Aere*, de 2015.¹⁶ Há também a música *Feios, sujos e malvados – Holocausto Brasileiro*, do grupo de rock *FSM (Feios, sujos e malvados)*.¹⁷

¹⁶ Este espetáculo foi gravado e encontra-se disponível na Plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=7r9iuN6j-Mo>.

¹⁷ Esta performance também se encontra disponível desde 2019 na Plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=engFW6SPdgg>.

Considerações finais

Ter me debruçado sobre as condições de desumanização – social, existencial, ética – promovida no Hospital Colônia de Barbacena através das sonoridades integrantes do documentário “Holocausto Brasileiro” foi uma experiência intelectual e pessoal de intensidade muito grande. Houve momentos em que cheguei a não me sentir bem assistindo a essa produção audiovisual, mas decidi insistir, na esperança de conseguir refletir criticamente, através das sonoridades, sobre os absurdos históricos e as formas de resistência a eles.

Elaborar este Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música me possibilitou analisar, avaliar e compreender elementos relacionados tanto ao saber histórico, com suas possibilidades de interpretação documental (no caso, principalmente sonoras), como a uma prática atenta e sensorial da escuta, captando através dela experiências afetivas, lembranças, e também mobilizações desdobradas dessas vivências.

Concluo que as sonoridades integrantes do documentário de Daniela Arbex possam ser consideradas um “território sonoro”, no sentido conferido a esta expressão por Jorge de LaBarre (2014).¹⁸ Este autor parte da interpretação de McLuhan, para quem as mídias não produzem apenas textos e recepções textuais, mas também uma reorganização sensorial e espacial contínua da vida social. Simultaneamente, ele expande a noção de Lefebvre de “produção de espaço” à dimensão sonora, ou melhor, aponta a centralidade da dimensão sonora na (re) produção dos espaços na cidade em contextos de industrialização pós-fordista. Nesses novos ambientes urbanos, emerge uma indistinção entre as paisagens sonoras “naturais” e os sons encenados das instalações sonoras e audiovisuais. Isso também suscita uma crescente indistinção entre as dimensões pública e privada dos espaços, surgindo também formas intermediárias de apropriação, de ocupação de (re)territorialização e (des)territorialização, a exemplo de áreas VIP, com seus privilégios flexíveis. Dessa maneira, LaBarre defende que há uma diferença entre a noção de paisagem sonora, sistematizada por Murray Schafer (2001) e a concepção de território sonoro, que ele propõe: enquanto a paisagem sonora traria uma configuração mais articulada e até harmônica das sonoridades no espaço, o território sonoro seria uma apreensão aurál mais díspare, até caótica, onde os sons se entrecruzam sem formarem

¹⁸ Doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris (2004). Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais (GSO-UFF), Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco (PPGM-UFPE).

uma síntese de sentido (uma “paisagem”). Com isso, os sons provocariam uma sensação simultaneamente de reconhecimento e estranhamento, de inserção e deriva, de identidade e de profunda alteridade, sem que tais contraposições possam ser resolvidas.

É nessa perspectiva que postulo que as sonoridades do documentário “Holocausto Brasileiro” possam ser consideradas um território sonoro: ao escutá-las, de forma articulada às imagens e às narrativas inseridas no filme, é possível situarmo-nos no espaço, no tempo e na história. Sabemos, através delas, qual a experiência social abordada pela produção fílmica, distinguimos os lugares de fala, os agentes produtores de sons... Mas, ao mesmo tempo, tais associações não nos apaziguam, muito pelo contrário, nos provocam inquietações profundas - a ponto de me fazerem sentir mal ao assistir ao documentário. Elas provocam, de forma concomitante, uma recusa em continuar escutando aquela situação vivida pelos internos do Hospital Colônia, tão escabrosa, e ao mesmo tempo a impossibilidade de não escutar, de não se manifestar sobre ela.

Transitar pelos territórios sonoros de muitas experiências brasileiras é lidar com tal movência entre paisagens e territórios, vozes e silêncios. Adentrando nesses espaços, talvez a reflexão acadêmica possa dar uma pequena contribuição, como uma parceira coadjuvante, para implementação do processo de transformação e dignificação social que tanto se almeja para este país.

Referências bibliográficas:

ALVIM, Clóvis Faria de. Assistência ao doente mental. *Revista da Associação Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte. 1956.

ASSIS, Elizeu Antonio. *Exilados na Pátria: O tratamento de “alienados” no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, 1903-1979*. 2020. 188f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020.

BARCELLOS, Jorge. *O memorial como instituição no sistema de museus*. Conceitos e práticas na busca de um conteúdo. 1999. Disponível em: <https://memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Barcellos.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

BARRETO, Lima. *Diário do hospício: O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARTHES, Roland. A escuta. In: *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUARQUE, Virgínia; BUSCACIO, Cesar Maia; PEREIRA, Bárbara Luíza Alves. As sonoridades histórico-ambientais do Gualaxo do Norte: tempo, espaço, patrimônio. In: BUARQUE, Virgínia et al. (Org.). *Bricolagens sonoras 2*. Belo Horizonte: Escola Cidadã, 2022.

CASTRO, Amílcar. *Holocausto feminino*. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/06/02/interna_cultura,1370571/exposicao-colonia-retrata-atrocidades-no-manicomio-de-barbacena.shtml. Acesso em: 27 jan. 2023.

CASTRO, Guilherme Augusto Soares de. *O conceito expandido da sonoridade como ferramenta para entender o processo de criação musical em estúdio*. Disponível em: https://www.academia.edu/4613485/O_conceito_expandido_da_sonoridade_como_ferramenta_para_entender_o_processo_de_cria%C3%A7%C3%A3o_musical_em_est%C3%BAdio. Acesso: 4 fev. 2023.

CRUZ, Carla Andréia de Melo. *A construção da memória através do documentário: uma análise do “Holocausto Brasileiro”*. 2021. 64f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

DUARTE, Maristela Nascimento. De “Ares e luzes” a “Inferno humano”. Concepções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979. 2009. 273f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

FERREIRA, Maria da Conceição Coelho; HEINEBERG, Ilana; ASSUNÇÃO, Sandra. Pensando as narrativas memoriais e pós-memoriais em tempo de vulnerabilidade. [Editorial] *Revista Letras Raras*, v. 9, n. 2, 2020.

KYRILLOS, Fuad; DUNKER, Christian Ingo Lenz. Depois do holocausto: efeitos colaterais do Hospital Colônia em Barbacena. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 952-974, dez. 2017.

LABARRE, Jorge de. Poder, território, som: alguns comentários. *El oído piensante*. v. 2, n.1. 2014.

LOPES, Marildo de Oliveira; MENDES, Everaldo dos Santos. O canto da Sueli: análise de um discurso dissidente em luta antimanicomial. *Polifonia*, Cuiabá, v.27, n.49, p. 414-436, out.-dez., 2020.

MAGALHÃES JÚNIOR, José Geraldo. Investigação jornalística: um aprofundamento sobre as mudanças no modo de se fazer reportagens. 2017. 116f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

MARTINS; Bruno G.; BERTOL, Rachel. O que nos diz a máquina de escrever? Notas sobre a escrita de um Brasil moderno. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 3, p. 9-27, dez. 2018-mar. 2019.

MAYA NETO, Olegário da Costa. Necropolítica da colonialidade no Brasil: segregação e desumanização no Hospital Colônia de Barbacena e na Cracolândia, em São Paulo. *Meridional: Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*, n. 11, p. 149-177, oct. 2018-mar, 2019.

MOREIRA, Juliana Maria Brandão. *Arqueologia da loucura: narrativas alternativas, cultura material e história do Hospital Colônia de Barbacena*. 2021. 219f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MOTA, Matheus. ‘Colônia’ resgata macabra história brasileira de pessoas abandonadas pela sociedade. *Cineset*, 2 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cineset.com.br/colonia-resgata-macabra-historia-brasileira-de-pessoas-abandonadas-pela-sociedade/>. Acesso em: 27 jan. 2023.

PEREIRA, Rafael. *De volta para casa: A vida nas residências terapêuticas e o trabalho dos cuidadores, em Barbacena – MG*. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. *Mnemosine*, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. Uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. 2ª. ed. São Paulo: Unesp, 2001.

TOMAIN, Cassio dos Santos. Documentário “Holocausto Brasileiro” e a representação de uma memória traumática. *Discursos fotográficos*, Londrina, v. 15 n. 27, p. 218-244, jul./dez., 2019.

Filmografia:

HOLOCAUSTO brasileiro. Direção: Daniela Arbex e Armando Mendz. São Paulo, SP: HBO Brasil, 2016. Canal Max (90 min).

EM NOME da razão. Direção: Helvécio Hatton. 1979.

ANEXO

**Tabela de minutagem do documentário “Holocausto Brasileiro”
(utilizada para produção do “Memorial Sonoro do Hospital Colônia de Barbacena)**

Minutagem	Sonoridade/Silêncio	Evento/Acontecimento
00:00 a 02:20.	Silêncio.	Imagens e fotos do hospital colônia e de seus pacientes, além de breves frases relatando sua história e seus principais acontecimentos.
02:21 a 02:37.	Trem passando sobre os trilhos na estação.	Idoso sentado no banco da estação de trem enquanto ele passa.
02:38 a 02:44.	“Era terça-feira e quinta-feira, tinha vagão de louco pra cá”.	Depoimento do idoso sobre os dias em que o trem trazia os pacientes para serem hospitalizados no Hospital Colônia de Barbacena.
02:45 a 02:49.	Latidos de cachorro e outros sons de animais no fundo, como pássaros.	Imagens da Estação Ferroviária Oeste de Minas de Barbacena.
02:50 a 04:54.	Depoimento: “Não...Louco.”. Trem passando nos trilhos na estação.	Depoimento do idoso sentado no banco da estação, o maquinista Mario Lara, além de algumas antigas imagens da estação.
04:55 a 04:57.	Galo carcarejando e pássaros assobiando.	Imagem área dos pavilhões do hospital.
04:58 a 05:43.	Depoimento: “Tinha....Sempre.”.	Depoimento da ex-enfermeira Walkiria Monteiro.
05:44 a 05:46.	Trilha sonora contemporânea.	Fotos dos pacientes no pátio dos pavilhões.
05:47 a 06:42.	Depoimento: “A minha... Cor.”.	Depoimento de Francisca dos Reis, funcionária do CHBP e imagens de pacientes no pátio.
06:43 a 06:53.	Latidos de cachorros, carcarejo de galo e assobio de pássaros.	Imagens áreas de Barbacena e do cemitério da cidade.
06:54 a 08:24.	Depoimento: “O final...Barbacena.”.	Imagens dos prédios e da igreja da cidade, além da fala de Edson Brandão, pesquisador.
08:25 a 08:30.	Trilha sonora contemporânea.	Fotos dos pacientes no pátio dos pavilhões.
08:31 a 09:14.	Depoimento: “Quando....Tragédias.”. Sons de flashes de máquina fotográfica, toque de telefone e de dígitos sobre uma datilografia.	Depoimento da autora do livro “Holocausto Brasileiro”, Daniela Arbex, além de sua foto com, possivelmente uma vítima analisando fotos e outros

		documentos, e imagens de pacientes no pátio do hospital, além de manchetes de jornais sobre a tragédia.
09:15 a 09:27.	Som de passos em um corredor.	Testemunha andando até um determinado local que foi um dos palcos dos acontecimentos.
09:28 a 10:33.	Depoimento: “A gente... Alimentação.”.	Depoimento de Roselmira Delbem, ex-funcionária do hospital, sobre a tentativa de salvar pacientes prestes a morrer e fotos da cozinha e das comidas sendo preparadas para eles.
10:34 a 11:51.	Depoimento: “Na enfermagem....Todo mundo.”.	Depoimento da ex-enfermeira Walkiria Monteiro, sobre os tratamentos com os pacientes através de medicamentos. Fotos dos pacientes no hospital.
11:52 a 12:03.	Depoimento: “Nessa época....Usado.”.	Depoimento de Roselmira Delbem, ex-funcionária do hospital sobre o tratamento desumano com pacientes.
12:04 a 12:49.	Depoimento: “E aquelas....Cinco em Cinco.”.	Depoimento da ex-enfermeira Walkiria Monteiro, sobre o tratamento com eletrochoque.
12:50 a 14:03.	Depoimento: “O médico....Eletrochoque.”.	Depoimento de Roselmira Delbem, ex-funcionária do hospital sobre o como funcionava o processo de preparação do eletrochoque e sua relação comportamental entre médico e paciente.
14:04 a 15:04.	Sons de pessoas falando dentro do hospital. Depoimento de Ronaldo: “Eu tive....Fazia parte.”.	Imagens de Ronaldo Simões, psiquiatra, andando nos corredores do Pavilhão do CHPB e no pátio do antigo Hospital Colônia. Fotos dos pacientes no pátio dos pavilhões.
15:05 a 15:13.	Trilha sonora contemporânea. Flash de máquina fotográfica.	Fotos dos funcionários do hospital fazendo o abate e corte dos animais para a alimentação. Texto sobre a transferência das crianças para o hospital.
15:14 a 15:46.	Depoimento de Arbex : “Uma das coisas...Década de 70.”.	Depoimento da autora do livro “Holocausto Brasileiro”, Daniela Arbex,

		sobre os meninos de Oliveira.
15:47 a 16:10.	Depoimento de Walkiria: "Veio...Aqui."	Depoimento da ex-enfermeira Walkiria Monteiro sobre a chegada das crianças no hospital.
16:11 a 17:21.	Depoimento: "Tinha...Não sei mais não."	Depoimento para Arbex de Antônio da Silva, ex-menino de Oliveira, sobre a rotina e os tratamentos violentos dentro do hospital e algumas questões atuais de sua vida.
17:22 a 18:06.	Sons de passos e de animais no bosque. Depoimento de Geraldo: "Do que...Contar disso, sabe?"	Conversa de Arbex e Geraldo Antônio da Silva, ex-interno do Colônia, contando um pouco de sua vida até sua internação e sobre sua participação no eletrochoque em pacientes.
18:07 a 19:51.	Sons de animais no bosque. Depoimento de Manuel Nascimento: "Eu sou de Belo Horizonte...Até hoje". Sussurro de uma canção.	Arbex conversa com Manuel, ex-menino de Oliveira, sobre o dia-a-dia e os tratamentos recebidos dentro do hospital. Imagens dos meninos de Oliveira dentro dos pavilhões.
19:52 a 20:27.	Sons de animais, como insetos e passarinhos. Som de um caminhar no mato. Frase: "Interessante."	Uma espécie de fotografo, ou jornalista andando dentro de um dos pátios dos pavilhões do hospital, se surpreendendo, tendo uma reação de arrepio, de espanto com o que ocorreu nesse local.
20:28 a 20:35.	Máquina de escrever Música contemporânea.	Imagem das crianças nos pátios do Colônia. Texto sobre Napoleão Xavier, que em 1979, foi o único fotografo que registrou imagens das crianças no hospital
20:36 a 22:27.	Depoimento de Napoleão: "Eu tô...Lugar ali né?" Sons de animais, como insetos e passarinhos. Som de um caminhar. Trilha sonora contemporânea.	Napoleão nos pátios dos pavilhões das crianças (imagens aéreas), explicando sobre a emoção e sensibilidade ao registrar os momentos, além das situações de algumas crianças. Imagens de Napoleão fotografando as crianças. Fotos das crianças expressando seus sentimentos e comportamentos.

22:28 a 22:38.	Som de porta de geladeira. Ruídos de pessoa e objetos de cozinha. Som de passos. Água escorrendo.	Uma mulher na cozinha possivelmente fazendo café, ou preparando alguma outra refeição ou bebida.
22:39 a 24:20.	Depoimento: “Era criança...Minha família.”.	Dona Elza Campos Silva, ex-menina de Oliveira, fala sobre sua vida e como foi parar dentro do Colônia, além de suas lembranças, situações precárias e dos tratamentos recebidos por lá. Imagens de pessoas pegando capim para fazer como colchões na hora de dormir.
24:21 a 25:06.	Depoimento de Arbex: “É como...Envergonha”.	Daniela fala sobre o imaginário das crianças e pacientes quando foram internados e como isso se reflete quando foram escutados, através de comoções e sensibilidades do público, criticando o Estado como autor das exclusões e das opressões. Fotos das crianças e pacientes no hospital.
25:07 a 27:17.	Vagão de trem se movendo sobre os trilhos. Depoimento de Isaias: “Nesse espaço...Desativado.”.	Imagens de um trecho da linha férrea de Barbacena. Depoimento de Isaias José da Silva, que é morador da cidade, relatando sua infância ao ser testemunha dos casos, que, quando criança, passava perto do hospital para ver os internados e se espantava ao ver a quantidade de pessoas lá dentro. Imagens de pátios do hospital lotados de pacientes e da carrocinha que levava os pacientes que morriam.
27:18 a 27:35.	Silêncio.	Imagens aéreas do cemitério do Colônia em preto e branco.
27:36 a 29:35.	Depoimento Jairo Toledo: “Se você...Nessa instituição.”. Sons de animais, como latidos de cachorros.	Imagens do cemitério. Depoimento de Jairo Toledo, ex-diretor do CHPB, sobre as causas de morte dos pacientes e o processo de sepultamento dos mortos do hospital.

29:36 a 29:52.	Depoimento do pesquisador Edson Brandão: “É muito estranho...Sepulta-lo”.	Crítica de Edson sobre o objetivo do hospital em relação a saúde e bem-estar dos pacientes.
29:53 a 30:39.	Depoimento Jairo Toledo: “Num primeiro momento...Faculdade.”. Sons de animais, como pássaros assobiando.	Jairo Toledo relata o bom funcionamento do hospital até os anos 30. Diz também sobre as famílias que, na verdade abandonavam o ente ali e quando morria, o corpo era doado para as faculdades. Imagens aéreas do cemitério.
30:40 a 31:00.	Silêncio.	Imagem de um caderno com os nomes de pacientes mortos pertencente a Faculdade de Medicina de Itajubá.
31:01 a 32:38.	Trilha sonora contemporânea. Depoimento de Geraldo Fialho: “Como é...Que precisavam.”. Ruídos ao fundo do depoimento.	Geraldo Fialho, que trabalhou como relações públicas do Colônia nos anos de 1960 a 1970, subindo as escadas de um dos pavilhões. Imagem de um dos pacientes do Colônia. Geraldo relatou suas funções lá dentro do hospital, como a mediação entre família e internado, além da transferência de corpos para as faculdades.
32:39 a 33:16.	Depoimento de Roselmira: “Então morria...Ninguém.”.	Dona Roselmira conta como eles transferiam e deixavam os corpos até a faculdade ou a carrocinha pega-los.
33:17 a 34:17.	Depoimento de Geraldo: “Eu tinha...Dinheiro.”.	Geraldo Fialho se confunde sobre a doação e a venda de cadáveres para as faculdades, além de seus preços e partes anatômicas.
34:18 a 34:27.	Silêncio.	Imagens de um caderno contendo os valores e as vendas dos corpos.
34:27 a 34:41.	Trilha sonora contemporânea. Arbex: Faculdade de Medicina de Valença, “Fialho”, tá o seu nome aqui. Essa letra é sua? Fialho: Essa aqui É.	Imagens do caderno de anotações de compra e vendas de corpos da Faculdade de Valença.
34:42 a 34:49.	Silêncio.	Foto dos pacientes nos pavilhões. Texto sobre a venda de mais de 1800 corpos para 17 faculdades entre 1969 e 1980

34:50 a 35:19.	Depoimento de Edson: “Essa questão...pra acontecer.”.	O pesquisador, Edson Brandão, afirma que essa venda de corpos foi a prova dos descaminhos que o Colônia percorreu ao longo de sua existência.
35:20 a 38:23.	Ruídos. Depoimento de Milton Raposo: “É um pavilhão...Comida.”. Ruídos. Arbex: Incomodava ver eles assim? Raposo: “Incomodava porquê...Pra sair, tá?”.	Imagem de um álbum de fotografias do hospital. Depoimento de Milton Raposo, ex-funcionário. Ele aponta e explica sobre algumas fotos, sendo elas de pavilhões, prédios e suas funções, além de pacientes trabalhavam lá e suas rotinas.
38:24 a 38:47.	Depoimento de Francisca: “Os pacientes...Servente de pedreiro, sabe?”.	Francisca dos Reis relata as funções dos pacientes “bons”, homens que realizavam obras para a prefeitura e para a elite local.
38:48 a 39:52.	Depoimento de Milton Raposo: “Mas eles...Paciente que assentou.”. Ruídos e passos. Milton Raposo: “Tudo isso...Nem acredita.”. Ruídos e passos. Milton Raposo: “Ter um paciente...Dois reais aí?”.	Milton Raposo relata que na construção de sua casa, pacientes do Hospital Colônia, ajudaram-o como pedreiros em sua reforma, além de compara-los como cachorros doces, pois obedeciam sem nenhum problema. Fotos dos pacientes indo trabalhar.
39:53 a 40:23.	Ruídos. Depoimento de Ronaldo Simões: “Essas pessoas...Também é crime.”.	Fotos dos pacientes em cima de um caminhão, indo trabalhar. O psiquiatra relata questões sobre a mão de obra dos pacientes em construções da prefeitura, que por fim não eram remunerados, eliminando a possibilidade de contratação de funcionários e de gastos no orçamento.
40:24 a 41:14.	Depoimento de Milton Raposo: “Eu não...Pacientes que estão com.”.	Milton Raposo questiona se realmente houve exploração dos funcionários com os pacientes, e nega que cometeu esta ação, além de afirmar que caso acontecesse isso ele iria intervir.
41:14 a 41:45.	Som da chuva. Depoimento de Roselmira: “Cada pavilhão...Friagem toda, sabe?”. Som da máquina de escrever.	Dona Roselmira relata sobre a função das irmãs vicentinas a partir da década de 30, quando elas começaram a administrar o hospital. Diz

	Trilha sonora contemporânea.	também que as irmãs limpavam a casa, que era o objetivo principal, para isso elas acordavam e tiravam as pacientes das casas bem cedo, colocando-as no pátio sob o risco de friagem. Imagens das irmãs trabalhando no hospital.
41:46 a 42:07.	Depoimento de Walkiria: “Tinha irmã...Ninguém podia entrar.”.	Walkiria revela o relacionamento que ela, e as outras enfermeiras tinham com as irmãs que trabalharam no hospital, além de reafirmar a extrema limpeza que elas deixavam nos quartos.
42:08 a 43:25.	Depoimento de Roselmira: “Elas rezavam...Claro.”.	Imagens das irmãs trabalhando no hospital. Roselmira revela a exploração assalariada das irmãs sobre as pacientes, ligados ao trabalho manual e somente para elas, relata também a corrupção das irmãs na compra e no valor do tipo da carne.
43:26 a 45:17.	Ruídos. Depoimento de Arbex: “Um dos principais...Falharam com o Colônia.”.	Daniela Arbex argumenta sobre a função do repórter em matérias desse tipo e identificar os culpados, que pra ela ainda continuava sendo uma incógnita, até concluir que o culpado era “coletivo”. Imagens dos pacientes no hospital.
45:18 a 46:37.	Ruídos e outros sons de animais. Depoimento de João Bosco Siqueira: “A minha lembrança...Me separaram dela.”. Ruídos. Trilha sonora contemporânea.	Imagens de João Siqueira, bombeiro, andando no campo, contando brevemente sua infância que se caracterizou pela ausência dos pais e pela participação das freiras, como criadoras dele. Ele destaca também o berçário onde ele foi separado de sua mãe.
46:38 a 47:54.	Depoimento de Geralda Siqueira: “Assim que eu ganhei...Contato com ele.”. Ruídos.	A ex-interna do Colônia, Geralda Siqueira, que é mãe de João, relata o momento da separação, suas desavenças com a irmã sobre o acontecimento, e o castigo recebido pelas fortes

		contestações, além de ameaças.
47:55 a 48:19.	Ruídos. Depoimento de João Bosco Siqueira: “No que eu saí...Com eles.”.	No Corpo de Bombeiros, João continua relatando seus abrigos temporários quando jovem, até morar no quartel por 12 anos e não presenciar com a família tais celebrações importantes.
48:20 a 50:19.	Ruídos. Depoimento de Geralda Siqueira: “Quando a minha...Ficar lá.”. Máquina de escrever. Trilha sonora contemporânea.	Dona Geralda revela que, ainda criança, trabalhou de empregada domestica na casa de um advogado, ele por sua vez, a assediou e abusou, consolidando sua gravidez, no qual serviu de justificativa para interna-la. Em texto, o documentário revela que a separação dos dois durou 40 anos, e em 2011 o Corpo de Bombeiros promoveu o reencontro.
50:20 a 50:55.	Latidos de cachorro. Trilha sonora contemporânea. Ruídos. Som do trem passando nos trilhos. Depoimento de uma mulher: “Fiquei mais triste...Minha mãe.”.	Imagem de uma mulher andando próximo de um trem que está passando em sua respectiva linha.
50:56 a 51:03.	Ruidos. Depoimento de Sueli: “Meu nome é Sueli...Em São Paulo.”.	Imagens de Sueli Rezende no filme “Em Nome da Razão”, de 1979, de Helvécio Raton, no hospital, falando um pouco de sua vida e de sua internação.
51:04 a 51:08.	Silencio.	Imagens de Sueli pela janela de seu quarto.
51:09 a 52:42.	Depoimento de Walkiria: “Elas saíam...Outras pessoas, né?”.	Dona Walkiria fala sobre a gravidez de pacientes que se relacionavam com outros, além dos que saíam para namorar. Isso ocorria devido a quantidade de internos e o descontrole por parte da administração do hospital.
52:43 a 53:24.	Depoimento de Débora: “Eu descobri...Ocorrido a um ano.”.	Débora Soares revela que a descoberta de sua adoção ocorreu pelos equívocos de informações de sua mãe adotiva, além de descobrir que sua verdadeira mãe estava no hospital, mas tinha falecido há um ano.

53:25 a 53:54.	Sueli cantando uma canção: “Estamos todas...Mais ordinárias.”. Ruídos e vozes de pessoas.	Imagens de Sueli Rezende no filme “Em Nome da Razão”, de 1979, de Helvécio Raton, no hospital, falando um pouco de sua vida e de sua internação, cantada através de uma espécie de marchinha.
53:55 a 55:08.	Ruídos e assobios de pássaros. Som de passos. Depoimento de José Carlos: “Eu nunca imaginava...Que eu não sei.”. Depoimento de André: “Ontem eu estava...Nem eu.”. Ruídos e assobios de pássaros.	Imagens de José Carlos Almeida e seu filho, André Almeida, entrando no pavilhão Antônio Carlos, do Colônia. Seu José afirma que sua mãe esteve internada no hospital, mas não tem certeza se seu pai foi quem a enviou até lá, pelo fato de ser pequeno ainda na época e não lembrar desse aspecto. Por sua vez, André relembra o dia que mostrou as fotos de sua avó, mãe de José, ex-interna do hospital, para seu filho, e ele questionou o porquê de ela viver lá dentro.
55:09 a 55:33.	Ruídos. Sons de passos. Máquina de cortar grama.	Imagem da frente e da entrada do pavilhão Antônio Carlos, sendo movimentada até uma de suas salas onde está estabelecido um acervo documental.
55:34 a 58:47.	José Carlos: “Aqui era o que?...Sabia que tinha mãe, com 9 anos.”. André: “Outro dormitório...Jorge Rebelo de Almeida.”. Arbex: “O nome dela deve estar aí...Indigente”.	Imagens de José Carlos Almeida e seu filho, André Almeida, entrando no acervo a procura de dados sobre a internação de sua esposa. Fotos dela em diversos documentos, além de registros fotográficos feitos dela dentro dos pavilhões.
58:38 a 59:59.	Ruídos. Sons de insetos. Sons de passos no mato. Depoimento de Luiz Alfredo: “1961...Profissionalismo”. Sons da câmera fotográfica.	Imagens aéreas de um casarão abandonado e despedaçado, observado e analisado por, provavelmente um fotógrafo jornalístico, tirando fotos do local. Em texto, Luiz Alfredo, fotógrafo da revista “O Cruzeiro” foi o primeiro a revelar as atrocidades do hospital. Imagens de suas fotos revelando a insalubridade de pacientes em excesso em

		diversas salas e quartos, além da sensação de miséria e fraqueza por parte de outros pacientes no pátio dos pavilhões.
1:00:00 a 1:00:25.	Trilha sonora contemporânea.	Fotos de Luiz Alfredo são mostradas no documentário, novamente apresentando aspectos como a miséria e o descaso humano sobre os pacientes. Imagens de dentro do casarão abandonado, acompanhando o trajeto do fotógrafo.
1:00:26 a 1:02:25.	Trilha sonora contemporânea. Depoimento de Luiz Alfredo: “Estamos...Pra falar não.”. Ruídos. Sons de passos e de máquina fotográfica.	Luiz Alfredo se teletransporta entre o presente e o passado, comparando suas fotos tiradas na época com as fotos daquele momento em que retornou ao casarão que, na verdade, fez parte de um dos pavilhões do hospital. Ele explica sobre as condições do prédio, nos dias de hoje, além de afirmar que foi uma de suas matérias mais marcantes.
1:02:26 a 1:05:14.	Ruídos. Depoimento de Napoleão: “Aqui tem...Algemada.”. Trilha sonora contemporânea.	Imagens de Napoleão entrando na fala de acervos e documentos do pavilhão Antônio Carlos. Sabendo que suas fotos estão ali, ele as procura para explicar questões específicas de cada uma que, pra ele é, curioso, interessante e impactante.
1:05:15 a 1:06:59.	Ruídos. Arbex: Napoleão...Condição humana? Napoleão: Como é...Essas pessoas né?	Mais fotografias de Napoleão são exibidas, escancarando as condições desumanas nos pacientes. O fotógrafo explica o seu ponto de vista sobre a sensação de fotografar pessoas nessas condições, e por fim questiona a desumanização institucionalizada.
1:07:00 a 1:07:33.	Latidos de cachorros e assobios de pássaros. Ratton: Todo mundo emocionado...E ela de porta “não entendi.”	Arbex planeja um encontro dentro do pavilhão com o diretor, Helvecio Ratton, o jornalista Hiram Firmino e o fotógrafo, Luiz Alfredo.

	<p>Arbex: Pelo fato de serem três gerações né? Firmino: É verdade...Fantástica. Ruidos.</p>	<p>Ambos relembram a foto que tiraram da entrada do pavilhão com os pacientes para a produção do filme</p>
1:07:34 a 1:07:40.	<p>Depoimento de Conceição Machado: “No meu pavilhão...porque não tem.”.</p>	<p>Imagens do filme “Em Nome da Razão”, em que aparecem os pacientes na entrada do pavilhão, e a paciente, Conceição Machado, reivindicando a necessidade de médicos em seu pavilhão</p>
1:07:41 a 1:13:46.	<p>Arbex: Quando vocês chegaram pela primeira vez, o que viram? Qual foi o impacto que tiveram? Máquina de escrever. Trilha sonora. Ratton: Eu tinha visto...Posição ereta. Alfredo: Mas eu acho...Vazios. Máquina de escrever. Trilha sonora. Arbex: Cê veio pra cá com a cara e a coragem, né Helvécio? Sem recurso. Como foi isso? Ratton: 5 pessoas...Armar o filme. Firmino: Porque o secretário...Para a imprensa. Ratton: Nada...Cara. Firmino: Como repórter...Pânico. Ruídos. Ratton: Agora...Pra sempre. Firmino: Primeira...Esse cenário.</p>	<p>Ainda na entrada, com teor jornalístico investigativo, Arbex deseja saber como foi a sensação deles ao entrarem no hospital. Imagens de Ratton durante a filmagem. Através das fotos de Alfredo, ambos explicam seus lados ópticos de recepção, relação e interação entre eles e os pacientes-hospital. Ratton explica para Arbex como foi processo de montagem de sua equipe, e da sistematização do filme, além da autorização do hospital para a imprensa fazer matérias relacionadas ao próprio. O diretor ainda relaciona a marca do que viu e sentiu através do cheiro, que não está no filme. Já Hiram, revela sobre a sua sensação, um aspecto mais jornalístico, serialismo de acordo com sua profissão, logo não se abalou com nada, mas se responsabilizou em absorver o máximo de informações. Dentro do pavilhão, Ratton relaciona o ato de fazer o filme, como uma transgressão, isso devido ao momento político-histórico que viviam, expondo um projeto opressivo e violento do governo. Por fim Firmino considerou a reação do próprio meio psiquiátrico como uma ofensa que estavam exibindo sobre tal profissão.</p>

1:13:47 a 1:14:06.	Sons de animais (Pássaros e insetos). Ruídos. Firmino: “Eu tô...Essa é a mudança ne’?”.	Imagens dos pátios dos pavilhões vazios, abandonados.
1:14:07 a 1:15:32.	Trilha sonora contemporânea. Depoimento de Walkiria: “Em 1973...Vieram pra cá.”.	Walkiria Monteiro relata que, em 1973 a Fundação Educacional de Assistência Psiquiátrica resolveu introduzir uma reforma dentro do hospital, introduzindo funcionários e enfermeiros.
1:15:33 a 1:16:29.	Trilha sonora contemporânea. Máquina de escrever. Depoimento de Jairo: “Nós fomos...Modelo assistencial.”.	Jairo Toledo relata que, em 1976, o hospital passa a contratar acadêmicos pra fazer plantão na instituição, que antes não tinha e, no momento eram 2000 pacientes, e foi quando Franco Basaglia visitou o hospital, referencia pela humanização nos modelos de atendimento, deixou muitas criticas no que viu lá, levantando bandeira para reformas imediatas.
1:16:30 a 1:17:13.	Trilha sonora contemporânea. Depoimento de Francisco: “A reforma...Pelo Estado todo.”.	O psiquiatra Francisco Paes Barreto, em manchetes de jornais e em seu depoimento, conceitua sobre a reforma psiquiátrica, sendo uma mudança de modelo.
1:17:14 a 1:17:48.	Depoimento de Walkiria: “A gente começou...Para as casinhas.”.	Dona Walkiria conta um pouco do processo de ressocialização dos pacientes, tanto no processo de vestimenta deles, quanto no processo de alimentação.
1:17:49 a 1:19:13.	Depoimento de Roseli: “Eu chego aqui...Tudo é possível né?”.	Através de imagens aéreas do hospital, a enfermeira Roseli Cordeiro fala sobre sua chegada no hospital, em 1992, explicando a modificação de pensamento construída pela instituição, revela ainda a forte característica tradicional de hospício e afirma o difícil trabalho com o sujeito.
1:19:14 a 1:19:26.	Máquina de escrever. Trilha sonora contemporânea.	Em texto, o documentário aponta que, em 2001 os leitos psiquiátricos foram substituídos por modelos de atendimento mais

		humanizados devido a aprovação da lei de atenção ao portador de transtorno mental no Brasil. Nesse caso, residências terapêuticas foram instituídas no hospital
1:19:26 a 1:21:07.	Ruidos. Som de talheres ou pratos e da água da torneira. Depoimento de Elza: “Eu já viajei...Casa.”. Arbex: Cê não teve medo não? Elza: “Não...Do piloto.”. Ruidos. Som de portão abrindo ou fechando.	O documentário exibe, novamente, a entrevista com dona Elza Campos Silva, ex-menina de Oliveira, contando as sensações que teve em sua primeira viagem de avião, fotos foram tiradas e mostradas no documentário sobre esse momento.
1:21:08 a 1:22:07.	Pergunta de Arbex para Jorge: “O senhor...Essas pessoas?”. Depoimento de Jorge: “Com os remanescentes...Esse reparo tem que fazer.”.	Daniela entrevista Jorge Nahas, presidente da FHEMIG, que explica até que ponto o Estado possui uma dívida com os remanescentes das tragédias sofridas dentro do hospital, sendo passivo diante da maioria dos atos.
1:22:08 a 1:22:32.	Depoimento de Roseli: “Tem que avançar...Abrir leito, né?”.	Roseli Cordeiro complementa sobre a política de desinstitucionalização dos hospitais psiquiátricos a partir do Estado
1:22:33 a 1:22:52.	Depoimento de Jorge: “A integração...A medicina.”.	Nahas afirma que parâmetros como a integração, a escola inclusiva e o tratamento ambulatorial podem alcançar a educação, a medicina e a assistência social.
1:22:53 a 1:23:02.	Depoimento de Roseli: “Mudou muito...Digna aqui.”.	Cordeiro afirma que muitas mudanças foram feitas, acarretando em tratamentos mais dignos para os pacientes.
1:23:03 a 1:23:36.	Depoimento de Jorge: “Eu costume...Segregue as pessoas.”.	Nahas compara o presente com o passado, imaginando que milhares seriam vítimas caso os tratamentos continuassem até hoje. Ainda é possível a ideia de uma instituição que separe pessoas.
1:23:37 a 1:23:54.	Depoimento de Roseli: “A sociedade...Cometer violência.”.	Cordeiro afirma que a sociedade ainda possui caráter higienista, sendo fundamentado pelo discurso da periculosidade,

		legalizando atos como a violência.
1:23:55 a 1:24:42.	Depoimento de Jorge: “Nós enfrentamos...Ser permanente.”.	Jorge comenta sobre problemas que ainda permeiam como a questão da internação por ordem judicial, na maioria, para usuários de drogas, destituindo características humanitárias de alguns pacientes. Ele finaliza sua fala, afirmando a continua luta para que situações como essa não se repitam e que a vigilância seja permanente.
1:24:43 a 1:25:08.	Ruídos. Sons via rádio. Depoimento de Mercês: “A casa...Díficeis mesmo.”.	Imagens do Lar Abrigado, em Belo Horizonte, onde estão hospedados alguns sobreviventes do acontecimento, como pacientes e as crianças de Oliveira. Dona Mercês Osório, coordenadora do lar, explica o porquê de sua fundação, seus moradores e dificuldades nos primeiros dias.
1:25:09 a 1:25:23.	Máquina de escrever. Trilha sonora contemporânea.	Fotos das crianças de Oliveira, e um texto abordando a retirada de mais de 20 meninos do hospital para a FHEMIG de Belo Horizonte em 1980. Restando apenas 3 sobreviventes dos 7 moradores.
1:25:24 a 1:25:39.	Ruídos. Sons de passos. Pessoa emitindo um som.	Imagens de Antonio Ramos, ex-menino de Oliveira, apresentando a fundação, alguns moradores, ex-moradores,
1:25:40 a 1:25:46.	Sons via radio Ruídos. Pássaros assobiando.	Imagens dos moradores sentados na frente do Lar vendo o movimento da rua.
1:25:47 a 1:26:14.	Depoimento de Mercês: “Da pra entender...Levanta.”.	Dona Mercês fala sobre a compreensão da linguagem não verbal, observando-os e entendo seus desejos e demais informações
1:26:15 a 1:26:21.	Sons de passos. Ruídos.	Imagens do sorridente Antônio vestindo um chapéu, talvez de costume, pois demonstra muita felicidade.

1:26:22 a 1:26:34.	Depoimento de Mercês: “Quando...Registrados”. Buzina de carro. Ruídos.	Imagens de uma enfermeira ajudando uma moradora a andar na frente da casa. Dona Mercês fala da conquista dos sobreviventes, em relação a direitos e deveres, registrados com documento de identidade e CPF, são agora reconhecidas como pessoas, possuem uma voz.
1:26:35 a 1:26:41.	Ruidos. Sons de automóveis. Som do portão fechando	Imagens da enfermeira ajudando a moradora a entrar no prédio
1:26:42 a 1:26:46.	Depoimento de Mercês: “E o Silvio...Em cima dele”.	Mercês fala sobre a história e a situação de Silvinho, ex-menino de Oliveira, que se comoveu ao ver na foto a situação em que ele se encontrava, mudando sua aparência após a sua interação no lar.
1:26:47 a 1:26:49.	Ruídos.	Imagens de Silvinho no hospital em situação de vulnerabilidade, sob moscas. Foto de Napoleão
1:26:50 a 1:27:12.	Depoimento de Mercês: “Quando ele...Impressionado.”.	Ela fala sobre situação dele na foto e sobre sua aparência após a sua integração no lar.
1:27:13 a 1:27:19.	Ruídos. Sons humanos.	Imagens do filme de Rattton em que aparecem Silvinho e Wanda Lucia, moradores do lar, se interagindo.
1:27:20 a 1:27:26.	Depoimento de Mercês: “A Wanda...Com o Silvinho.”.	Dona mercês apresenta e fala sobre a Wanda Lucia no filme junto com Silvio.
1:27:27 a 1:27:32.	Ruídos. Pássaros assobiando. Mercês: Vai! Vai sozinha, cê consegue? Pode ir sozinha.	Imagens da frente do lar, onde os moradores estão apreciando a paisagem, o movimento e a Dona Mercês ajuda Wanda Lucia a andar.
1:27:33 a 1:28:02.	Depoimento de Mercês: “Eu acho...Voz pra eles.”.	Dona Mercês reflete sobre os sobreviventes conseguirem aguentar tudo aquilo, além da confirmação de que tudo isso ocorreu mesmo, e sobre as pessoas serem malvadas, conseguindo dar voz para as vítimas.
1:28:03 a 1:28:08.	Ruídos. Sons via rádio.	Novamente imagens dos moradores na frente do lar aproveitando o dia
1:28:09 a 1:28:54.	Depoimento de Mercês: “Achei bonito...Todos né.”.	Dona Mercês fala sobre as coisas boas em poder cuidar dos 7 pacientes e da

		importância da mudança, em relação, a tratamento com pacientes psiquiátricos.
1:28:55 a 1:29:10.	Ruídos.	Imagens de Dona Mercês com Antônio saindo de casa para a rua
1:29:11 a 1:30:49.	Trilha sonora contemporânea.	Texto em dedicação as vítimas e sobreviventes do hospital, tendo coragem de expressar as suas vozes, rompendo o silêncio. Imagens do hospital com os pacientes e créditos do final do documentário.